

ANA CAROLINA NEVES MIRANDA

*A SALA DA MEMÓRIA:*

A RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO EM  
MOMENTO DE REDEFINIÇÃO INSTITUCIONAL (1965-1971)

Mariana

Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP

2010

ANA CAROLINA NEVES MIRANDA

*A SALA DA MEMÓRIA:*

A RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO EM  
MOMENTO DE REDEFINIÇÃO INSTITUCIONAL (1965-1971)

Monografia apresentada ao Curso de História do  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais da  
Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito  
parcial à obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Daniel Henrique Diniz Barbosa

Mariana

Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP

2010

*“É preciso começar a perder a memória, ainda que se trate de fragmentos dessa, para perceber que esta memória que faz toda nossa vida. Uma vida sem memória não seria uma vida, assim como uma inteligência sem possibilidade de exprimir-se não seria uma inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento.*

*Sem ela não somos nada.”*

*Luis Buñuel*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha mãe por todos esses anos de esforço, dedicação e amizade. E também por me proporcionar o primeiro contato com a história, ao me oferecer ainda criança a oportunidade de conhecer, brincar e algumas vezes até assistir as aulas no Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS)/ UFOP, durante a sua graduação em História nesse mesmo Instituto.

Agradeço também ao professor Daniel Diniz Barbosa, pela orientação durante a pesquisa e pela perseverança e entusiasmo demonstrado desde o início da pesquisa a fase de conclusão; a professora Helena Miranda Mollo pela leitura crítica e as contribuições formativas no decorrer da graduação; ao professor Paulo Gracino de Souza Jr. pelas contribuições teóricas a pesquisa e pela leitura crítica; aos demais professores que contribuíram para a minha formação Marco Antônio Silveira, Crisoston Terto Vilas Boas, Francisco Eduardo de Andrade, Isis Castro, Sandro Cerqueira, Maria do Carmo Pires e tantos outros do Departamento de História e do Departamento de Educação que contribuíram de alguma forma; a minha grande amiga e companheira de graduação Fabiana Rodrigues de Souza que suportou meus momentos de angústia e insegurança e também pela leitura deste texto monográfico; a Clarice Assunção e demais amigos de infância e graduação que me acompanharam nesse processo; aos funcionários, estagiários, ex-alunos da Escola de Minas de Ouro Preto e da Escola de Farmácia de Ouro Preto que me receberam e dispensaram ajuda essencial para este trabalho, cedendo materiais, concedendo entrevista e outras tantas ajudas;

## **RESUMO**

Esta monografia se propõe a investigar a constituição do Núcleo de Memória da Escola de Minas de Ouro Preto (EMOP), instituído em um momento de profunda redefinição institucional da Escola. Mais propriamente, o objeto deste trabalho são as articulações de uma memória coletiva em determinado contexto institucional. Portanto, procedemos a reconstituição histórica do mesmo, atentando para o ato mnemônico em uma instituição, circundada por um grupo forte e hegemônico, tendo por recorte temporal o período 1965 a 1971.

## **ABSTRACT**

This monograph sets out to investigate the building of the Núcleo da Memória da Escola de Minas de Ouro Preto (EMOP), established in a time of profound institutional redefinition of the School. Rather, the object of this study are the articulations of collective memory in a particular institutional context. Therefore, we proceed to the historical reconstruction of the same, noting the mnemonic act in an institution, surrounded by a strong and hegemonic group, with the chosen time period from 1965 to 1971.

## **LISTA DE ABREVIATURAS:**

APEMOP – Arquivo Permanente da Escola de Minas de Ouro Preto  
CAEM – Centro Acadêmico da Escola de Minas  
CFE - Conselho Federal de Ensino  
EFFBOP – Escola Federal de Farmácia e Bioquímica de Ouro Preto  
EMOP – Escola de Minas de Ouro Preto  
GTRU - Grupo de Trabalho da Reforma Universitária  
MEC – Ministério da Educação e Cultura  
REM – Revista da Escola de Minas de Ouro Preto  
SEMOP – Sociedade dos Ex-Alunos da Escola de Minas de Ouro Preto  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto  
UFV – Universidade Federal de Viçosa  
USAID - United States Agency for International Development  
USIMINAS – Usinas Siderúrgica de Minas Gerais S/A

## **SUMÁRIO**

<b>1.</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>2.</b>	<b>Apontamentos teóricos e metodológicos: memória e história oral.....</b>	<b>10</b>
<b>3.</b>	<b>Das luzes ao espírito de gorceix.....</b>	<b>14</b>
	<b>3.1. Fundação da EMOP: trajetórias e glórias.....</b>	<b>14</b>
	<b>3.2 Reformas educacionais: redefinição institucional.....</b>	<b>17</b>
	<b>3.3 Quem somos? A criação da UFOP.....</b>	<b>19</b>
<b>4.</b>	<b>Memória e identidade.....</b>	<b>24</b>
	<b>4.1 Gorceix, o fundador: símbolo da tradição.....</b>	<b>24</b>
	<b>4.2 Do “Patheon dos Pioneiros da Siderurgia Brasileira” ao Traslado.....</b>	<b>30</b>
	<b>4.3 A cerimônia: França – Brasil.....</b>	<b>34</b>
<b>5.</b>	<b>Caminhos da memória.....</b>	<b>41</b>
	<b>5.1 A criação do Museu Gorceix.....</b>	<b>41</b>
	<b>5.2 Narrativas do Museu Gorceix.....</b>	<b>47</b>
<b>6.</b>	<b>Conclusão.....</b>	<b>53</b>
<b>7.</b>	<b>Referência bibliográfica e fontes.....</b>	<b>55</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Nesta monografia propomo-nos a investigar o ato de reconstrução da memória de uma instituição, circundada por um grupo forte e hegemônico, tendo por recorte temporal o período 1965 a 1972. Tomaremos como ponto de partida para essa discussão a transladação dos restos mortais de Gorceix e a consequente criação da Sala da Memória.

As instituições educacionais representaram papel fundamental para a formação econômica e social brasileira. A Escola de Minas de Ouro Preto (EMOP), fundada nas últimas décadas do século XIX, representou, primeiramente, papel fundamental para a implantação das ciências minerais no Brasil, por ser a primeira Escola do gênero no solo Brasileiro. E, por outro, possibilitou um desenvolvimento para região das Minas que, nesse período, encontrava-se enfraquecida economicamente com o fim da exploração aurífera. Mas, temos que considerar que o fator econômico não foi o que preponderou para a formação da EMOP, acima de tudo, a questão política e ideológica foi o que deu origem a Escola. Podemos considerar que a fundação da Escola de Minas de Ouro foi um ato mais de vontade política de Dom Pedro II, do que propriamente uma demanda social e/ou econômica.

Sendo fundada em 1876, pelo Imperador Dom Pedro II, a EMOP desempenhou papel preponderante tanto no aspecto educacional como político. Segundo Dias (1969), ela tornou-se inovadora ao propor novos métodos de ensino, visando à praticidade e à disponibilidade quase total dos seus alunos. Também recebeu premiações em Exposições Universais e participou de publicações em Museus e Revistas de Ciências por meio de seu primeiro diretor Claude Henri Gorceix que era membro colaborador dos Anais do Museu Nacional, dentre outros.

No campo político, a EMOP se destacou inicialmente pela figura de seu diretor que tinha laços estreitos com o Imperador Dom Pedro II. E, posteriormente, com a hegemonia exercida por seus ex-alunos no bloco de poder mineiro até a década de 1940, exercendo cargos de ministros de estados, governadores, entre outros cargos políticos. E mesmo após esse período os engenheiros da EMOP continuaram a exercer grande influência no campo da engenharia assumindo cargos de direção de grandes estatais como a Vale do Rio Doce, USIMINAS e tantas outras empresas particulares de destaque nesse campo.

Apesar desse êxito de seus ex-alunos, contudo, a EMOP, enquanto instituição educacional, passou por momentos de crises e redefinições institucionais no decorrer de sua história. Tentativas de fechamento, a saída de Gorceix da Escola, a mudança da capital de



Minas da cidade de Ouro Preto para Belo Horizonte e a conseqüente tentativa de transferência da EMOP para a nova capital, assim como a manutenção como Escola autônoma e a criação da UFOP, fizeram que o grupo emopiano<sup>1</sup> se sentisse ameaçado. E em todos os momentos de redefinições esse grupo passa a recorrer às tradições emopianas para manter coesos. E a figura central representante das tradições emopianas é o fundador da Escola - Gorceix que passa não só a representar as tradições, mas também ser o que mantém o grupo por meio do “espírito de Gorceix”.

A presença de seu diretor é marcante em sua história, sendo recorrente o apelo à sua memória e sua trajetória em momentos de comoção e movimentação da comunidade emopiana. É possível detectar o tom laudatório que se destaca nos discursos acerca do “espírito de Gorceix” para a manutenção das tradições na Instituição. Toda uma tradição é colocada na figura de Gorceix que passa de tempos em tempos a ser revivido em manifestações públicas como aniversários da Escola, publicações em periódicos e mesmo a cerimônia maior que foi a trasladação dos restos mortais e a criação de um museu (Sala da Memória) em sua homenagem na década de 1970.

Definiu-se como recorte o período de 1965 a 1972. Este recorte se determina por ser no período de 1965 que se intensificam as discussões acerca da autonomia da Escola, se ela seria mantida como instituto autônomo ou seria anexada à outras universidades. Toda essa discussão é retomada devido ao fato que no Regime Militar, mais precisamente a partir de 1965, são feitas uma série de reformulações no sistema de ensino entre elas o fim de Escolas isoladas, o que afeta diretamente a EMOP. Esse processo se prolonga até 1969 e culmina com a criação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que incorpora a EMOP e a Escola de Farmácia de Ouro Preto, momento de outro questionamento de sua autonomia. Ao fim desse processo, após um ano da criação da UFOP, é criada a Sala da Memória, em 1970, no sentido de demarcar as tradições da Escola. E encerramos o recorte no ano de 1972, por ser o período que a Sala da Memória já está instituída e consolidada e por ser também o ano que seu primeiro diretor deixa as funções.

Metodologicamente, fizemos a opção de levantar documentação produzida pela Escola de Minas, disponibilizada em seus arquivos e bibliotecas (documentos avulsos, correspondências internas e externas, cartas, jornais, periódicos e fotografias) e também de produzir registros orais que foram determinados pelo recorte temático desta pesquisa. Procedeu-se à leitura e à confecção de fichas documentais do material referente à criação da

---

<sup>1</sup> Consideramos por emopiano o que é relativo à Escola de Minas de Ouro Preto – EMOP (alunos, ex-alunos, a comunidade que congrega aquela instituição). Encontramos, originalmente, este termo utilizado para designar os ex-alunos da referida instituição em Roque (1999)

UFOP, da transladação dos restos mortais de Gorceix e dos periódicos da EMOP – o que nos permitiu contextualizar e detalhar nosso objeto. Em um segundo momento, optamos pela utilização de relatos orais como fonte e instrumento de apoio à nossa pesquisa. Foram produzidas e registradas sete entrevistas com atores ligados, de alguma forma, ao nosso objeto. Para isso, procedemos a uma divisão dos entrevistados em dois grupos: um de pessoas diretamente ligadas à EMOP e outro de pessoas ligadas diretamente a Escola de Farmácia de Farmácia de Ouro Preto, ambas categorias extremamente arraigadas ao processo de fundação da UFOP e da constituição do Núcleo da Memória. Essas entrevistas nos possibilitaram comparar informações das fontes documentais e perceber padrões e discursos inerentes a ambos os grupos, bem como determinar o peso específico de cada informação recolhida, aquilatar o grau de participação das instituições em questão na construção de uma memória sobre a universidade em questão e observar a pertinência dessas relações na reconstrução mnemônica dos grupos sublinhados.

O primeiro capítulo versará sobre um histórico da fundação da EMOP até a década de 1960, traçando uma breve revisão historiográfica sobre o assunto. Nesse mesmo capítulo, abordaremos as reformas educacionais ocorridas no período ditatorial e como essas mudanças afetaram a EMOP, para assim chegar ao ponto de discussão da criação da UFOP e quais as posições da EMOP dentro desse processo.

No segundo capítulo, tratar-se-á das implicações do ato mnemônico, buscando visualizar a identidade do grupo emopiano. Para tanto, abordaremos como a figura do primeiro diretor da Escola – Gorceix – é ovacionada como símbolo da tradição da EMOP e, por conseguinte, trataremos do traslado dos restos mortais de Gorceix e as cerimônias de transladação na França e no Brasil.

Por último, o terceiro capítulo versará sobre a criação do Museu Gorceix e as narrativas a ele implícitas.

## **2. APONTAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL**

A memória pode ser definida como seletiva e ressignificante, ou seja, cada um lembra do seu passado de acordo com seu presente. Somente a forma como vivenciamos o presente e a partir de ações atuais é que o ato mnemônico é realizado. Portanto, a memória é algo inerente ao indivíduo, e somente ele é capaz de desenvolvê-la, experimentá-la e rememorá-la.

Para Nora (1993), memória é

[...] a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.<sup>2</sup>

Portanto, a memória é algo inerente ao indivíduo e somente ele é capaz de desenvolvê-la.

Bergson (1999) parte de um conceito de memória como fundamentalmente individual e subjetiva, que expressa uma identidade pessoal de acordo com o passado. A memória, nesse caso, caberia a cada indivíduo e está acoplada ao passado como formador dessa. Esse passado se conservaria íntegro e autônomo em nossa memória e o comportamento de nosso cérebro impediria que evocássemos todas as partes.

Em contraponto a essa perspectiva, Halbwachs (1990) inova, ao fundar a concepção de uma memória coletiva. Assume que haja, sim, uma memória individual, estando ela ancorada em uma memória coletiva – sociedade, grupos. A memória individual

[...] não está inteiramente isolada e fechada. Um homem para evocar seu passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existam fora dele, e que são fixados pela sociedade.<sup>3</sup>

Em relação ao suporte da memória individual ancorada a memória coletiva Halbwachs conceitua os *quadros sociais de memória*: grupos sociais que compartilham pensamentos por se socializarem e por isso formam uma memória exclusiva e coletiva, de acordo com as lembranças de seus integrantes e suas referências. A memória coletiva decorre então da interação entre a memória pessoal, individual, o meio e a sociedade em que esse indivíduo está inserido. É a representação do passado criada no presente em conseqüência das necessidades atuais.

A memória coletiva agrega o papel das chamadas minorias, memórias clandestinas e memórias oficiais e a narrativa desempenha a função de sua propagação, e ainda, segundo

<sup>2</sup> NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, (10) dez. 1993, p. 9

<sup>3</sup> HALBWACHS, Maurice. “*Memória coletiva e memória histórica*”. In \_\_. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 54.

Pollack (1989), o enquadramento da memória. De acordo com este autor, a função da memória seria:

[...] operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes [...]<sup>4</sup>

Mas é importante considerar outro ponto da memória coletiva, o que é descrito por Portelli (1996) como uma memória dividida. Essa memória dividida seria uma memória que por um lado valoriza a memória “oficial” e ao mesmo tempo valoriza a memória recriada pelos participantes e/ou sobreviventes de um evento. Essas narrativas habitam o mesmo espaço, mas podem ser preponderantes dependendo do narrador e da situação do ato mnemônico. Essas narrativas podem se alterar no decorrer do tempo, agregando-se mitos e personagens, podendo ser até mesmo contraditória ao fato, mas torna-se recorrente a um grupo, a uma sociedade. Para Portelli,

Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. Como todas as atividades humanas, a memória é social e pode ser compartilhada [...], ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. Ela só se torna memória coletiva quando é abstraída e separada da individual: no mito e no folclore [...], na delegação [...], nas instituições.<sup>5</sup>

É, portanto, nessa demarcação de fronteiras sociais e pertencimento de grupos que a narrativa pode propagar essa memória. O tom e a forma de narrativa definirão essas fronteiras.

Mudanças ocorridas com o advento da modernidade, sobretudo a aceleração do tempo que leva ao desejo do homem em guardar e reter as informações, ocasionaram mudanças na nossa percepção e no trato da memória. Sugere Le Goff que “*A memória coletiva tomou no século XIX, um volume tal que se tornou impossível pedir a memória individual que recebesse o conteúdo das bibliotecas*”.<sup>6</sup> E mesmo a abordagem do termo sofreu alteração.

Para Pollack (1989), no século XIX, o conceito de memória coletiva estava ligado ao conceito de Estado – Estado, nação e memória – sendo a memória nacional a forma mais completa de uma memória coletiva. Já no século XX, a noção de memória estende-se ao

<sup>4</sup> POLLACK, M. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. In: Revista Estudos Históricos, vol. 2, n. 3. Rio de Janeiro: FGV, 1989, p. 9.

<sup>5</sup> PORTELLI, A. In: MARIETA, M. F. de, AMADO, J. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006, p. 126.

<sup>6</sup> LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: ROMANO, Rugiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*, (vol. 1 – Memória/história), Lisboa: Casa da Moeda/ Imprensa Nacional, 1983, p. 40.

social – Estado, sociedade e memória - passando-se a valorizar o caráter problemático da memória coletiva.

Para Nora (1993), essa mudança de perspectiva ocasiona o fim da história-memória, das sociedades de memórias e ideologias-memórias. Deixa-se de lado a noção de passado como preparação do futuro, a retenção da memória como ensinamento para a posteridade. A memória encontra-se esfacelada e residual,<sup>7</sup> tem-se a necessidade de criar “lugares de memória” por não ser mais a memória uma condição espontânea e natural. Portanto, “*há locais de memória porque não há mais meios de memória*”.<sup>8</sup>

Mas, o que são esses lugares de memória? São locais de representações dessa memória esfacelada, são restos. São lugares de comemoração e celebração daquilo que nos é impossível lembrar a todo instante e também, espaços que nos chamam ao ato mnemônico. Não tem ligação com a realidade, são seu próprio referente, escapam à história, fecham-se sobre si mesmos, mas abrem-se às diversas possibilidades de interpretação.

Para Nora (1993), esses lugares de memória, tem como função: “*[...] parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte e materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentidos num mínimo de sinais*”.<sup>9</sup> E, portanto, são simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais, mas em graus diferentes. Não são simplesmente patrimônio material, podem ser patrimônio imaterial, ou tudo aquilo que manifesta a memória de um grupo.

Podemos, a partir dessa discussão, pensar a Sala da Memória da Escola de Minas de Ouro Preto como fruto de uma memória ligada aos membros da instituição, como um local de memória.

Metodologicamente, este trabalho consistiu no trato de dois tipos de fontes: a documentação produzida pela Escola de Minas, disponibilizada em seus arquivos e bibliotecas e a produção de registros orais.

Primeiramente optamos pelo levantamento da documentação produzida pela EMOP, incluem-se documentos avulsos, correspondências internas e externas, atas da congregação, cartas, jornais, periódicos e fotografias. Foram selecionados em meio a essa documentação, os quais tratassem diretamente da criação da UFOP, traslado dos restos mortais de Gorceix e da criação da do Museu Gorceix. Este tipo de informação estava presente nas Atas da Congregação no período de 1965 a 1972, nas correspondências internas e externas referente

<sup>7</sup> Memória esfacelada e residual termos utilizado por Nora (1993) para designar essa mudança de perspectiva da memória com o advento da modernidade. A memória deixa de ser totalizante, ancorada na tradição para se tornar uma memória fragmentada.

<sup>8</sup> NORA, 1993, p. 7.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 22.

ao mesmo período e nos documentos avulsos e jornais (quatro reportagens) que compreendiam uma série documental denominada Traslado. Em relação aos periódicos foi feito um levantamento da Revista da Escola de Minas (REM) desde de sua primeira publicação no ano de 1936 até a publicação de nº 62 do ano de 2009, buscando levantar informações sobre a criação da UFOP, o traslado e também sobre os discursos emopiano sobre o “espírito de Gorceix”.

Após um primeiro levantamento deste material procedeu-se à leitura e à confecção de fichas documentais. Fichas essas que foram separadas por assunto e continham informações básicas presente naquela documentação. Aliado a leitura bibliográfica foi possível proceder a análise das informações documentais o que nos permitiu contextualizar e detalhar nosso objeto. Juntamente a esse processo foi feito um levantamento fotográfico, foram analisados dois álbuns de fotografias pertencentes ao Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto que traziam fotos da cerimônia de recepção dos restos mortais de Gorceix em Ouro Preto. São cerca de quarenta e duas fotografias que detalham desde a chegada da Urna Funerária a entrada da cidade até a ao local final que abrigou a urna dentro da EMOP.

Aliado a todo esse processo, optamos também pela utilização de relatos orais como fonte e instrumento de apoio à nossa pesquisa. Foram produzidas e registradas sete entrevistas com atores ligados, de alguma forma, ao nosso objeto. A escolha desses entrevistados partiu primeiramente da indicação dos próprios funcionários da EMOP, na qual estabelecemos uma relação nominal e o fizemos cruzamento desses nomes com a documentação levantada, para assim proceder a entrevistas. Para isso, estabelecemos a divisão dos entrevistados em dois grupos: um de pessoas diretamente ligadas à EMOP e outro de pessoas ligadas diretamente a Escola de Farmácia de Farmácia de Ouro Preto, ambas categorias extremamente arraigadas ao processo de fundação da UFOP e da constituição do Núcleo da Memória.

As entrevistas foram temáticas e feitas através de um roteiro pré-estabelecido, de modo que esta fosse conduzida para questões pertinentes ao nosso objeto. Essas entrevistas durarão cerca de uma hora e meia cada, perfazendo um total de aproximadamente dez horas de entrevistas gravadas. Estas foram transcrita buscando uma fidelidade a fala do entrevistado, não foi feito ajuste dessas entrevistas para a leitura (correções de ortografia, concordância, regência, entre outras). Optamos por uma transcrição mais fidedigna ao entrevistado. As análises dessas entrevistas nos possibilitaram comparar informações das fontes documentais e perceber padrões e discursos inerentes a ambos os grupos, bem como determinar o peso específico de cada informação recolhida, aquilatar o grau de participação

das instituições em questão na construção de uma memória sobre a universidade em questão e observar a pertinência dessas relações na reconstrução mnemônica dos grupos sublinhados. E por pedido dos entrevistados optamos por não identificá-los individualmente nas citações e/ou excertos das entrevistas. Listamos esses ao final do deste trabalho identificando o local e dia da entrevista.

Portanto, a partir da apresentação de nossos referenciais teóricos e metodológicos. Procederemos nos próximos capítulos uma reconstituição histórica do Núcleo da Memória iniciando pela criação da EMOP, visualizando o ato mnemônico dos membros da EMOP, amparados sempre por uma pesquisa documental e a metodologia de história oral.

### **3. DAS LUZES AO ESPÍRITO DE GORCEIX**

#### **3.1. Fundação da EMOP: trajetórias e glórias**

O final do século XIX é um período marcado por uma dinamicidade e expansão das ciências no Brasil, época simultaneamente aliada à profusão de idéias iluministas e positivistas, que inundavam o ideário político brasileiro desde a segunda metade do século XIX. A Escola de Minas de Ouro Preto foi criada nesse contexto de busca pelo conhecimento das potencialidades naturais do Brasil. Fundada em 12 de outubro 1876, teve por primeiro diretor Claude Henri Gorceix, um cientista francês que após viagem pelo interior do Brasil acabou escolhendo a cidade de Ouro Preto para sediar a sua Escola “*com base na idéia de que uma escola técnica e prática não precisava localizar-se em centros de civilização*”.<sup>10</sup>

No período que antecede a criação da Escola de Minas havia cerca de 75 pequenas siderúrgicas espalhada pela região,<sup>11</sup> o que pode ser entendido como uma necessidade técnica a instalação de uma Escola que atendesse as necessidades regionais. Outro fator preponderante é a necessidade de recuperar economicamente a região mineira, que após o fim do período aurífero encontrou-se desestabilizada e carente de inovações tecnológicas. Mas não obstante essa realidade propicia a instalação da EMOP não foi totalmente bem vista pela elite mineira e pelos docentes da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Fato que o projeto de criação da EMOP foi aprovado com ressalvas, sofrendo algumas objeções, mas mantendo

---

<sup>10</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da Glória*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p 52.

<sup>11</sup> Ibidem, p 43.

pontos principais no que diz respeito a organização educacional e ao financiamento de bolsas de estudo pelo Estado para alunos carentes.

A EMOP tinha como objetivo principal a formação de técnicos para desenvolvimento de estudos sobre as riquezas minerais do Brasil, visando sempre a prática e a pesquisa de campo para o desenvolvimento de seus alunos. O ensino de excelência e qualidade, sempre foi à marca da Escola, o que a diferenciava no ensino superior no país. O ensino era voltado para uma intensa prática, investigação e um rigor técnico na seleção dos docentes e discentes. O que pode ser visto em seu brasão “CUM MENTE ET MALLEO”,<sup>12</sup> referência esta ao trabalho científico e ao mesmo tempo prático a ser desenvolvido na Escola.

Seu corpo docente contava inicialmente com professores estrangeiros (franceses) e poucos professores brasileiros, visto que Gorceix achava o nível de qualificação dos professores brasileiros baixo para assumir as disciplinas que eram ministradas na Escola. O que posteriormente passou a ser assumido por ex-alunos, sendo essa uma solução para a falta de mercado no campo da engenharia.

Desde a sua fundação, a EMOP contava com grande prestígio e apoio por parte do Imperador. Gorceix e Dom Pedro II possuíam uma relação estreita, o que a beneficiava em momentos decisivos tanto de financiamento de projetos da Escola como questões políticas. Carvalho (2002) afirma que a diferenciação entre os salários dos professores da EMOP e do próprio diretor que eram superiores aos salários dos professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e de outras escolas superiores do Brasil, sendo que Gorceix recebia um vencimento equivalente a um ministro de Estado. Questão essa que gera certo desconforto e desentendimento principalmente com a Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

É inegável que a EMOP, enfrentou problemas orçamentários diversos, “*a saída de Gorceix quinze anos após a sua fundação, protestos internos de alunos, confrontos políticos, confrontos docentes, e falta de espaço no mercado de trabalho para seus formandos*”,<sup>13</sup> foram problemas enfrentados pela Escola no decorrer da sua história, mas não podemos deixar de visualizar o destaque que a EMOP possuía tanto no mercado internacional – com a participação nas Exposições Universais – quanto no cenário político brasileiro.

Inicialmente, os ex-alunos da EMOP atuaram no serviço público, na construção das estradas de ferro e como professores dentro da Escola. Esse quadro se modifica com o crescimento da influência dos engenheiros formados pela Escola de Minas de Ouro Preto no

---

<sup>12</sup> GORCEIX, Septime. *Uma grande obra francesa no Brasil*. In \_\_. Revista da Escola de Minas (REM). v. XX, n. 5, out. 1956, p. 58.

<sup>13</sup> BARBOSA, Daniel Henrique Diniz. *Os Técnicos em Ação: os engenheiros de Minas Gerais e as alternativas de desenvolvimento regional (1935-1945)*. Tese de Mestrado UFMG, 2005, p. 28.



cenário político. Muitos deles atuaram como prefeitos, deputados federais, ministros de Estado e participaram do governo de Minas, como João Pandiá Calógeras, Euvaldo Lodi, Américo Renné Giannetti e Israel Pinheiro da Silva,<sup>14</sup> que tiveram expressiva representação na vida política do Estado e no desenvolvimento mineral do país. Atuaram também na criação de grandes empresas siderúrgicas como a Siderúrgica Belgo Mineira em 1921 e a Vale do Rio Doce em 1942.

Mas, a partir da década de 1940, período classificado por Carvalho (2002) como “descida aos infernos” - que corresponde a grande decadência enfrentada pela instituição, com a diminuição da influência dos emopianos no bloco de poder do governo de Minas -,<sup>15</sup> há um processo de involução no crescimento da Escola. Contudo, não podemos classificá-lo como um período de estagnação e sim como uma fase de transformação institucional e política. Mudanças ocorridas na política nacional fizeram que os ex-alunos da EMOP perdessem a influência estatal e espaço na vida administrativa e social do país, que foram acentuados por disputas e questões internas da Escola. Foi questionada a manutenção da Escola enquanto centro autônomo de ensino superior, a sua localização na cidade de Ouro Preto, a qualidade do ensino, dentre outros.

Esse foi um processo que se alongou por vários anos. Em 1953, a comunidade emopiana pleiteou a transferência da Escola, que havia sido anexada à Universidade do Brasil na década de 1930, para o Ministério de Minas e Energia,<sup>16</sup> fato que não ocorreu. Somente na década de 1960, foi desligada da Universidade do Brasil e se tornou administrativa, financeira e didaticamente em um instituto autônomo. Mas, a conjuntura política fez com que esse quadro fosse mudado. Durante o Regime Militar, a partir de 1965 o governo inicia uma série de estudos para reformular o ensino superior. Em 1968 estabelece uma reforma educacional, na qual a legislação propunha que todos os institutos federais fossem anexados às universidades já existentes; portanto, a autonomia da EMOP voltou a ser questionada. A solução apresentada à Escola de Minas foi sua consequente anexação ou à Universidade Federal de Viçosa ou à Universidade Federal de Minas Gerais.

### **3.2 Reformas educacionais: redefinição institucional**

---

<sup>14</sup> REVISTA DA ESCOLA DE MINAS (REM). *A presença da Escola de Minas no desenvolvimento do Brasil*. Ano 34, vol. 28, nº 3. P. 115 – 121.

<sup>15</sup> CARVALHO, 2002, p. 131.

<sup>16</sup> REVISTA DA ESCOLA DE MINAS (REM). n. 4, 1953, p. 3.

O período ditatorial foi marcado por uma série de mudanças no sistema educacional brasileiro. Todas as categorias educacionais, da educação infantil ao ensino superior, sofreram uma série de reformas que marcaram profundamente os rumos da educação brasileira. A EMOP, assim como outras escolas federais e independentes, passa por alterações que vão redefini-la institucionalmente.

Paralelamente, deve-se registrar que o período pós 1964 pode ser caracterizado por uma mudança econômica profunda; houve um processo de aceleração da industrialização, o que modificou o modelo de ascensão da classe média brasileira no contexto do “milagre brasileiro”.

O Estado, buscando um novo padrão de desenvolvimento, assume o papel de acumulador de capital, renda e mercado para promover a expansão econômica. Isso acarretará vários serviços, nos quais a classe média, acostumada aos mecanismos tradicionais de ascensão, como poupança e investimentos em outras empresas, vê-se obrigada atender às exigências de qualificação de trabalho, restando um único meio para esse aperfeiçoamento, a educação.<sup>17</sup>

Ocorreu, então, maior busca pelo ensino superior brasileiro, já em novos moldes. E o ensino técnico passou a ser o carro chefe para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Portanto, houve uma busca por uma qualificação de mão de obra adequada às características do mercado de trabalho. Mas o ensino brasileiro, que se mostrava precário, não conseguiu atender à demanda e à falta de vagas tanto no ensino médio como no superior e esse se tornou um dos maiores problemas do período em tela.

Pode-se dividir essa fase em dois blocos: de um lado o movimento estudantil que contestava o regime ditatorial, mas que também buscava uma melhoria nas universidades e a resolução do problema da falta de vagas; e por outro o governo, que por meio da imposição tentava manter a ordem e também buscava na educação a resolução do problema econômico e social através dos acordos políticos com os Estados Unidos e comissões internas.

Entre os convênios firmados estão o convênio entre o MEC (Ministério da Educação e Cultura) e a USAID (United States Agency for International Development) para assistência técnica e cooperação à organização do sistema educacional brasileiro, os chamados acordos MEC-USAID (concluídos em 1968) e as comissões como a Meira Matos (1967), ATCON (Rudolph Atcon, 1966) e GTRU (Grupo de Trabalho da Reforma Universitária 1968) foram indicadoras e norteadoras para a Reforma Universitária de 28/11/1968 sancionada pelo general Costa e Silva (1967 – 1969).<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> PAIM, G, SILVEIRA, A. *Reforma universitária: a política educacional brasileira do governo Castelo Branco a Costa e Silva (1964-1969)*. Cadernos FAPA– n. 2 – 2º sem. 2005. p. 2.

<sup>18</sup> *Ibidem*, 2005.

As principais mudanças ocorridas com a Reforma Universitária de 1968 abrangem os seguintes temas: “*a autonomia universitária, institutos centrais, desenvolvimento da pesquisa na universidade, indissociabilidade entre ensino e pesquisa, os ciclos básico e profissional, o tempo integral e a instituição da carreira do magistério*”.<sup>19</sup> Pontos esses que afetaram diretamente a Escola de Minas de Ouro Preto.

Desde do final da década de 1940 a início de 1950, a EMOP vinha em um processo de articulação para retomar como instituto autônomo. Fato que só ocorre na década de 1960, funcionando como instituto federal autônomo até 1969. Mas, com as mudanças na educação no período ditatorial, a Escola de Minas tinha como opção a anexação à UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) ou à UFV (Universidade Federal de Viçosa).<sup>20</sup>

Deste modo, a principal medida a afetar a EMOP na Reforma Universitária foi anexação das escolas isoladas a outras universidades próximas ou maiores e a instituição da carreira do magistério. Uma vez que ficou proibida a existência de instituições de nível superior que não fossem universidades. De acordo com o Decreto Lei 5540 de 28/11/1968 Art 33 § 3º ficou extinta a cátedra ou cadeira no ensino superior do País, o que afeta diretamente a organização interna da EMOP. Era parte de seu sistema e sua tradição a manutenção do sistema de cátedras, os professores faziam concurso e assumiam as cadeiras até o fim de suas vidas, o que tornava o método pouco rotativo e sem grandes mudanças, consolidando assim a metodologia de ensino e mantendo “intacta” as tradições da EMOP. Esses professores catedráticos eram também responsáveis pela administração da EMOP através da Congregação, órgão esse detentor de poder administrativo e educacional, as principais decisões da Escola eram tomadas em reuniões mensais, composta por representantes de cada cadeira. É possível notar entre os entrevistados o grande poder decisório exercido pela Congregação.

Então o conjunto de professores catedráticos que eram os doutores da época, [...]. Esse conjunto de catedráticos é que administrava a Escola de Minas e mesmo após a criação da Universidade, eles continuaram exercendo o poder decisório lá dentro, é claro tinha um diretor. Mas essa congregação é que tinha o poder decisório.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> ROTHEN, J. C. *Os bastidores da Reforma Universitária de 1968*. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 453-475, maio/ago. 2008. p. 4

<sup>20</sup> A UFV, antiga UREMGE (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais), neste período passava por um processo de federalização, deixava de ser a UREMGE para torna-se UFV, daí cogitava-se a idéia de integração da Escola de Minas de Ouro Preto a essa Universidade.

<sup>21</sup> Entrevista.

Portanto, a extinção do sistema de cátedras e a adoção do sistema departamental incidiram como uma quebra da autonomia de determinados professores, que passaram a responder por um departamento e não individualmente.

Outro ponto preponderante na Reforma Educacional de 1968 foi o artigo que tange à extinção das escolas isoladas. De acordo com o

**Art. 8º** Os estabelecimentos isolados de ensino superior deverão, sempre que possível incorporar-se a universidades ou congregar-se com estabelecimentos isolados da mesma localidade ou de localidades próximas, constituindo, neste último caso, federações de escolas, critérios comuns de organização e funcionamento.<sup>22</sup>

Como já aqui apresentado, a partir desse decreto a Escola de Minas, enquanto instituição de ensino superior isolada, passou a sofrer pressões para ser anexada à UFMG ou à UFV. Tornando-se necessária a garantia da autonomia e tradição emopiana, iniciou-se então um processo para que evitasse tanto a anexação, independente de em qual instituição se inserisse, quanto a diluição da identidade emopiana – mesmo que com a fundação de nova instituição na qual a EMOP fosse central.

À EMOP acabou por se congregar a Escola de Farmácia e Bioquímica de Ouro Preto e, juntas, criaram a Universidade Federal de Ouro Preto em agosto de 1969.

### **3.3 Quem somos? A criação da UFOP**

A criação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em 1969, com o Decreto-Lei nº 778, de 21 de agosto, vem de um período de discussão intensa por parte da EMOP. A Reforma Educacional vem ao encontro de um desejo antigo de transformação da Escola de Minas em Universidade. Em 1930 a Escola de Minas foi anexada à Universidade do Brasil, transformando-se em Escola Nacional de Minas e Metalurgia. Sendo que em 1945, foi sugerida a criação de uma Universidade de Ouro Preto,<sup>23</sup> pelo ex-aluno Engenheiro Antonio José Alves de Souza que apresentou uma minuta expondo os motivos para a criação e um projeto de decreto para o Governo de Getúlio Vargas, mas com o fim desse governo o projeto acabou se dissolvendo e não saindo do papel.

Após esse período, novas tentativas de implementação de uma Universidade em Ouro Preto foram constantes, ocasionada pela redefinição institucional que passava a EMOP. Na década de 1950 foi novamente colocada em pauta a discussão acerca da criação de uma

<sup>22</sup> Decreto Lei 5540 de 28/11/1968.

<sup>23</sup> Ata da Congregação da Escola de Minas 10/10/1968.

Universidade Técnica em Ouro Preto, fato este que não era totalmente aceito por parte dos docentes. Assunto esse que volta a pauta em meados da década de 1960 por pressão por parte do Governo para a anexação da Escola Minas a Universidade Federal de Viçosa ou a Universidade Federal de Minas Gerais, o que faz que se aumente um maior desejo pela criação de uma Universidade, a fim de manter sua autonomia e tradição.

Porém, concomitantemente a esse processo, a Escola de Minas – a partir da intervenção da Fundação Gorceix<sup>24</sup> – estava desenvolvendo a construção da sede no Campus do Morro do Cruzeiro. Desde 1965, a Fundação já havia iniciado as obras para a construção de sua sede e da nova Escola, como foi chamado pelos membros da Congregação. A obra iniciou-se com a construção do prédio central que atualmente abriga o Restaurante Universitário do Campus do Morro do Cruzeiro e o Centro de Convergência. O prédio tinha capacidade de acolher 128 alunos o que, segundo entrevistados, era uma expansão para a Escola que possuía infra-estrutura reduzida.

A idéia de ampliação da Escola de Minas partia do projeto de crescimento da infraestrutura institucional e também para disponibilizar um maior número de vagas para o ingresso nos cursos oferecidos por ela. Boa parte do financiamento da construção do Campus veio da Fundação Gorceix através da doação de ex-alunos e empresas particulares e estatais, o que causou uma série de problemas orçamentários. É recorrente nas Atas da Congregação<sup>25</sup> discussões acerca de problemas enfrentados na obra, desde mudanças no projeto original, falta de materiais, rompimento de contrato das empresas executantes da obra até o pedido de exoneração do Engenheiro Chefe e Fiscal Ivo Porto de Menezes,<sup>26</sup> queixoso pela falta de organização estrutural e financeira da obra.

Toda essa discussão acabou sendo sucumbida pelas discussões sobre a criação da UFOP, as referências nas Atas da Congregação sobre a obra do Campus tornam-se mínimas e o que passa a dominar a pauta são as discussões sobre a criação da UFOP. A Reforma Universitária foi aprovada em novembro de 1968, mas meses antes a Congregação já discutia sobre essa reforma e qual seria o destino da EMOP. A Ata da Congregação de 10 de outubro de 1968 demonstra que havia certo receio dos professores com a possível reforma. Foi colocada em votação a criação da Universidade de Ouro Preto e por uma maioria de votos,

---

<sup>24</sup> Fundação criada em 18 de abril de 1960 por ex-alunos a fim de promover maior sustentabilidade à EMOP e assistir os alunos carentes. Teve como idealizador e principal financiador o ex-aluno Amaro Lanari (fundador da USIMINAS). A Fundação sempre possuiu um enorme capital o que a ajudou a financiar não só a obra de construção do Campus, mas também diversos projetos da EMOP.

<sup>25</sup> Atas da Congregação 1965 a 1968. APEMOP

<sup>26</sup> O Engenheiro Ivo Porto de Menezes foi indicado pela Congregação da Escola de Minas e pela Fundação Gorceix para assumir o cargo de Engenheiro Chefe e Fiscal da obra do Campus do Morro do Cruzeiro. Inicia seus trabalhos em 1/12/1965 e por problemas diversos na obra pede exoneração do cargo em 25/04/1968.

com algumas abstenções, foi decidida a criação da mesma. E neste momento foi instituída uma comissão composta por 5 docentes: *Antonio Pinheiro Filho, Diretor Geral; Moacyr do Amaral Lisboa, Diretor de Ensino; Washington Morais de Andrade,*<sup>27</sup> *Jair Carvalho da Silva e o Presidente do D. A*<sup>28</sup> (Diretório Acadêmico); para a criação de uma proposta de projeto de decreto para a criação da Universidade.

As discussões sobre o projeto de decreto duram cerca de nove meses, até ele ser completamente aprovado. Nesse entremeio, a Escola Federal de Farmácia e Bioquímica de Ouro Peto (EFFBOP) que também era atingida pela reforma educacional de 1968 e não mais podia existir como instituto autônomo, incorpora-se a EMOP para assim criar a UFOP. Foi criada a partir dessa união uma comissão que tratasse dos interesses de ambas. Essa comissão era composta por membros da EMOP e da EFFBOP que foram subdivididos em dois conselhos um *Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão e o outro Conselho Universitário.*<sup>29</sup> Mas, através dos relatos orais e da análise das Atas da Congregação podemos perceber que estas comissões trabalharam isoladas, encontrando-se poucas vezes, o que gerou conflitos sobre o poder decisório na conclusão do projeto de decreto.

Em maior número de professores e ex-alunos presentes nas comissões, e por possuir maior influência política, devido a alguns de seus ex-alunos que tiveram algum tipo de relação direta com o Governo, a EMOP tentava impor um maior peso nas decisões sobre a criação da UFOP. Em reunião no Conselho Federal de Ensino (CFE), no Rio de Janeiro, compareceram, Vicente Ellena Trópia - Diretor da EFFBOP, José Badini - Vice-Diretor da EFFBOP, o Arcebispo de Mariana Dom Oscar de Oliveira,<sup>30</sup> Antonio Pinheiro Filho - Diretor da EMOP, Eng<sup>o</sup> Cássio Elyσιο de Figueiredo Damázio<sup>31</sup> – Presidente da Sociedade dos Ex-Alunos da Escola de Minas de Ouro Preto (SEMOP) e diversos ex-alunos da EMOP entre eles Amaro Lanari Jr,<sup>32</sup> o que caracteriza volume da EMOP comparado ao número reduzido de representantes da EFFBOP.<sup>33</sup>

<sup>27</sup> Ex-aluno dos cursos de Engenharia Civil e Minas pela Escola de Minas (turma de 1934). Foi professor catedrático das disciplinas de Metalurgia Geral e Direito. Chefe do Escritório do SPHAN de Ouro Preto e Mariana. Sendo diretor da EMOP no ano de 1973.

<sup>28</sup> Ata da Congregação de 10/10/1968, p 2 e 3. APEMOP

<sup>29</sup> Entrevista.

<sup>30</sup> Dom Oscar de Oliveira foi bispo da Arquidiocese de Mariana durante os anos 1960 a 1988 e um dos representantes brasileiro no Conselho Vaticano II entre 1963 a 1965. Foi grande impulsionador para que se criasse a UFOP na cidade de Ouro Preto e também responsável pelos contratos de comodatos para a utilização dos prédios do Antigo Seminário Menor da cidade de Mariana para abrigar os cursos de humanas da UFOP.

<sup>31</sup> Ex-aluno dos cursos de Engenharia Geral pela Escola de Minas (turma de 1943). Fundou a empresa Empresas de Investimentos Gerais S/A e foi um dos idealizadores da Fundação Gorceix.

<sup>32</sup> Ata da Congregação de 02/04/1969. APEMOP

<sup>33</sup> De fato é curioso verificar que o número de representantes oficiais da EMOP é menor se comparado ao número de representantes da EFFBOP. Mas a Escola de Minas mostra sua força com o volume de egressos nessa reunião. Portanto, oficialmente a EMOP estava sub-representada, mas extra-oficialmente seu peso era

Mesmo a Escola de Minas tentando impondo seu poder decisório, a criação da UFOP – que poderia representar um alívio às indagações da comunidade emopiana – soou como certo desconforto em relação à anexação de outras escolas. Enquanto instituição autônoma e independente, a Escola de Minas sempre foi muito arraigada às suas tradições. A excelência no ensino de caráter extremamente pragmático fez que essa se destacasse no cenário educacional e político brasileiro. Sua formação universalizante dava um caráter específico aos seus engenheiros, que eram formados não só para agirem como técnicos, mas sim uma formação para a vida política do país. Traços esses que juntamente com a solicitação à figura de seu fundador, podem ser considerados como parte da identidade emopiana.

A presença de Gorceix é marcante em sua história, sendo recorrente o apelo à sua memória e sua trajetória em momentos de comoção e movimentação da comunidade emopiana. É possível detectar o tom laudatório que se destaca nos discursos acerca do “espírito de Gorceix” para a manutenção das tradições na Instituição. A tradição representou e ainda representa para EMOP um diferencial; carregar o nome da Escola de Minas significa legar toda a tradição de uma instituição centenária e o caráter inovador de seu fundador. De modo que, a anexação da Escola pela recém fundada Universidade Federal de Ouro Preto vem confrontar a memória e a tradição emopiana. Segundo Barbosa (2005), essa passa a demarcar o seu posicionamento central na nova Universidade se impondo e se reafirmando como tradicional e historicamente relevante, em detrimento às demais instituições voltadas ao ensino de engenharia no Brasil e da própria EFBOP.

Claro que não foi somente essa tradição que demarcou o poder decisório da Escola de Minas. Questões econômicas foram definidoras nesse jogo de influências. A Escola de Farmácia, embora mais antiga que a Escola de Minas, possuía um patrimônio bem reduzido. Evidente que carregava consigo o peso de uma tradição por ser a Escola de Farmácia mais antiga da América Latina, mas em termos patrimoniais saía em desvantagem com a Escola de Minas. Essa que, além de estar ligada a uma Fundação que ajudava a gerenciá-la, também possuía o Parque Metalúrgico e diversos imóveis espalhados pela cidade servindo de moradia estudantil, diferentemente da EFBOP que detinha somente o prédio em que funcionava a escola e um imóvel de moradia estudantil. Essa questão fica aclarada nos relatos dos entrevistados sobre a situação da Escola de Farmácia “*nós tínhamos somente a Escola e os equipamentos, eles tinham a Fundação Gorceix, [...] nós tínhamos a ciência*”.<sup>34</sup>

---

inigualável.

<sup>34</sup> Entrevista ex-aluno e professor da Escola de Farmácia.

Nos relatos dos entrevistados da Escola de Minas o confronto entre as Escolas é minimizado eles não deixam claro o seu posicionamento perante essa situação. Exceto o relato de uns dos funcionários que fala que havia troca de xingamentos, ofensas entre os funcionários das Escolas. Percebe-se que há um conflito implícito, mas não declarado entre as Escolas. Este confronto não declarado perdurou mesmo após a institucionalização da UFOP e também foi definidor para os rumos desta, principalmente nas de definições cargos e prioridade de crescimento da UFOP.

Após o período de criação do decreto há todo um processo para a concepção do regimento interno. Foram utilizados como base os regimentos das Universidades Federais de Brasília e Ceará e, a partir desse momento, os Conselhos de Ensino e o Conselho Universitário foram importantes na definição do regimento. Foi designado como primeiro reitor o então Diretor da Escola de Minas Antonio Pinheiro Filho,<sup>35</sup> que permaneceu no cargo até 1972, sendo a sucessão de reitores até a década de 1990 permanecendo em poder de professores da Escola de Minas.

Após a implantação da UFOP, o que congregava as duas Escolas era o regimento interno e a figura do reitor. Pois ambas funcionavam de forma independente, possuíam sistemas de regime de aproveitamento e aprovação diferentes, cada uma com seu Conselho de Ensino que no caso da Escola de Minas era a Congregação, que também respondia aos assuntos educacionais. Determinados espaços não eram unificados, como por exemplo, o Restaurante da Escola de Minas que também abrigava o Centro Acadêmico da Escola de Minas (CAEM), mesmo com a institucionalização da UFOP esse continuava de uso exclusivo para os estudantes e funcionários da Escola de Minas, sendo a sua abertura para demais estudantes somente na década de 1980.<sup>36</sup>

São recorrentes nas falas dos entrevistados de ambas as Escolas um sentimento de não pertencimento à Universidade,

“[...] nós ainda não tínhamos um espírito universitário, a escola tipo a Escola de Farmácia a mais antiga da América do Sul, depois veio a Escola de Minas, as duas foram sempre isolada, cada uma defendendo o seu campo [...] no início a gente fazia tudo num certo isolamento [...], a gente não sabia como agir como universidade”.<sup>37</sup>

“Era uma universidade [...] mais no papel do que uma universidade na prática. E as coisas continuaram mais ou menos do mesmo jeito, a Escola de Minas de um lado e a Escola de Farmácia de outro. Depois, aí digamos, oito

---

<sup>35</sup> Ex-aluno dos cursos de Engenharia Civil e Minas pela Escola de Minas (turma de 1932). Foi professor catedrático da disciplina de Portos, Rios e Canais. Sendo o diretor da EMOP nos período 1968 a 1969 e o primeiro reitor da UFOP.

<sup>36</sup> Entrevista

<sup>37</sup> Ibidem.



anos depois da criação partiu-se para unificar, realmente criar uma Universidade. Claro que já tinha um reitor, aos quais as duas Escolas [...] eram subordinadas. A Universidade era algo mais no papel”.<sup>38</sup>

A questão da identidade se torna presente. Enquanto escolas tradicionais, o valor da tradição era maior e o sentimento de pertencimento cabia a cada uma das escolas individualmente. Portanto, a busca pela manutenção da identidade são cabíveis as duas instituições. E, para tanto, a promoção de atos comemorativos, como no caso da Escola de Minas com o traslado dos restos mortais de seu fundador e a criação de um museu em sua homenagem, vão delinear essa busca pela manutenção da identidade.

## 4. MEMÓRIA E IDENTIDADE

### 4.1 Gorceix, o fundador: símbolo da tradição

*Minas é um coração de ouro encerrado em um peito de ferro*<sup>39</sup>

Claude Henri Gorceix nasceu em 19 de outubro de 1842, em Saint Denis-des-Murs, uma vila de Haute Vienne, França.<sup>40</sup> Filho de latifundiários tornou-se órfão de pai muito novo, o que, por vias tortas, lhe propiciou uma boa formação na medida em que financiada por bolsas de estudo concedidas pelo governo francês. Iniciou seus estudos no Liceu de Limoges e ingressou na École Normale Supérieure, na seção de ciências físicas e matemáticas. Nessa escola, Gorceix teve contato com grandes nomes da ciência francesa (inclusive Pasteur e Achiles Delesse<sup>41</sup>), o que foi fundamental para a sua formação enquanto pesquisador e cientista. Graduou-se em 1866, em Ciências Físicas, e tornou-se assistente de Ciências Físicas e Naturais na própria escola.

Posteriormente, foi nomeado professor de Física no Liceu de Angoulême e no ano seguinte, 1867, foi designado assistente do professor Achiles Delesse na Escola Normal, participando de estudos práticos em várias regiões da França.<sup>42</sup> Foi enviado em junho de 1869 em missão científica para a Escola Francesa de Atenas, de modo a investigar o solo grego. Por

<sup>38</sup> Entrevista ex-aluno e professor da EMOP.

<sup>39</sup> Frase de autoria de Claude Henri Gorceix, citada pelos entrevistados ex-alunos da EMOP ao serem perguntados sobre qual conhecimento tinham sobre Gorceix.

<sup>40</sup> CARVALHO, 2002.

<sup>41</sup> GORCEIX, 1956.

<sup>42</sup> LIMA, M. R. de. *Dom Pedro II e Gorceix: A fundação da Escola de Minas de Ouro Preto*. Ouro Preto: Fundação Gorceix, 1977.

lá permaneceu por três anos, onde realizou diversas incursões pelo território grego. Trabalho que só foi interrompido durante a guerra franco-alemã em 1870, quando Gorceix serviu no exército francês.<sup>43</sup>

Retornou a Paris, no início de 1874, onde retomou seus trabalhos como assistente na universidade de Paris. E por indicação de Auguste Daubrée, diretor da Escola de Minas de Paris, Gorceix foi indicado ao Imperador Dom Pedro II para que fizesse uma carta mineral e geológica do Brasil, de modo a analisar as potencialidades e deficiências do solo brasileiro.<sup>44</sup>

O cientista francês chegou ao Brasil em 1875<sup>45</sup> e realizou uma viagem por todo o interior do Brasil iniciando pelo estado do Rio Grande do Sul juntamente com Ladislau Netto. E, após essa viagem, elaborou a carta geológica e mineral do Brasil acrescentando ao documento a necessidade de se criar uma escola para a formação de mineiros. Dom Pedro II aceitou a proposta e deixou a cargo de Gorceix a escolha da cidade para a instalação dessa escola.

Por ver na cidade de Ouro Preto um local propício para a instalação de sua escola, Gorceix em 12 de outubro de 1876 criou a Escola de Minas de Ouro. E assumiu como primeiro diretor e professor das cadeiras Geologia, Mineralogia, Física e Química.<sup>46</sup>

De forma dinâmica e prática, Gorceix desenvolveu uma série de inovações que estimularam a pesquisa científica tanto na Escola de Minas como em todo o país. Iniciou, a partir de 1881, a publicação dos Anais da Escola de Minas; se tornou membro colaborador do Museu Nacional; realizou diversas palestras sobre a ciência no Brasil<sup>47</sup> e; participou com os alunos da Escola Minas das Exposições Universais recebendo medalha de mérito pelo método de ensino e pela coleção Mineral da Escola.<sup>48</sup>

Enquanto diretor, Gorceix passou por diversos problemas, desde a tentativa de fechamento da Escola até problemas internos. Disputas com os professores da Politécnica que tentavam a todo custo desestabilizar o ensino na Escola de Minas, para assim obter o mesmo vencimento dos professores da EMOP, e tentativas de fechamento e mudanças nos Regimentos da Escola pelo Parlamento fizeram com que Gorceix se tornasse desgostoso com o sistema de ensino no Brasil.<sup>49</sup>

---

<sup>43</sup> GORCEIX, 1956.

<sup>44</sup> CARVALHO, 2002.

<sup>45</sup> Ibidem, 2002.

<sup>46</sup> GORCEIX, 1956.

<sup>47</sup> LOPES, Maria Margaret, PONDGORNY, Irina. Introducción. In *El desierto em una vitrina. Museos e história natural em la Argentina, 1810-1890*. México: Limusa, 2008

<sup>48</sup> GORCEIX, 1956.

<sup>49</sup> CARVALHO, 2002.

E Segundo Carvalho (2002) com o advento da República, Gorceix que sempre foi ligado à figura do Imperador Dom Pedro II se viu pressionado pelos professores e políticos locais para que deixasse a diretoria da EMOP. Questionamentos internos sobre a rigidez do ensino e os métodos utilizados por Gorceix aceleraram toda essa crise que culminou com a renúncia dos cargos de Diretor e Professor da Escola de Minas em 14 de outubro de 1891.

É notória que a saída de Gorceix se deu de forma queixosa, expressando um sentimento de contrariedade e mágoa que o fundador da EMOP sentia com os rumos que sua Escola e a educação brasileira estavam tomando. É denotada em sua carta de renúncia uma resposta às críticas que vinha sofrendo nos últimos anos em que comandou a EMOP, principalmente pelo grupo de professores republicanos que após a saída de Gorceix assumem a direção da Escola na figura de Archias Eurípedes da Rocha Medrado.<sup>50</sup>

Há perto de um mês foi contra mim empreendida uma campanha de ataques e conceitos ofensivos... Minha pessoa e meu caráter só é que agora estão em causa... Diz-se que afugentei com minhas gritarias e minhas expressões ásperas as pessoas que desejavam trabalhar nos laboratórios da Escola. Lamento muito isto por estas pessoas e sobretudo por mim, mas outros apesar de tal, continuaram aquele trabalho e disso me felicito...Aqueles a quem incomodei afastaram-se. Estavam no seu direito. Seguiam o preceito do provérbio bem conhecido, assim como estou no meu direito, retirando-me da Escola ante a explosão de cóleras que atualmente produz-se contra o meu caráter.<sup>51</sup>

Essa “mágoa” notada nesse trecho, portanto, fez com que Gorceix deixasse a Escola não havendo mais nenhum relato de seu retorno à EMOP. Ele retornou à França no mesmo ano de sua renúncia e regressou a Minas Gerais em duas ocasiões, uma para visitar membros da família de sua esposa – que era ouropretana – e outra a pedido do Governo de Minas para instalar uma Escola de Agricultura.<sup>52</sup> Gorceix instalou essa Escola em 1897, mas como ela não deslanchou, Gorceix retornou à França, onde passou a trabalhar na exploração rural e atuar como prefeito na Comuna de Bujaleuf.<sup>53</sup> Contudo, Gorceix que dedicou grande parte de sua vida à ciência, praticamente a abandonou após sua saída da Escola de Minas, não constando referências que após esse período tenha feito publicações ou mesmo o desenvolvimento de pesquisas. Gorceix faleceu em 6 de setembro de 1919, na França.

É importante destacar que não se encontra na documentação da EMOP nenhuma referência a algum tipo de manifestação ou lamento pela renúncia de Gorceix. Segundo Carvalho (2002) “*consta apenas na tradição oral que os alunos da Escola de Minas e*

<sup>50</sup> Diretor da EMOP no período de 1891- 1900.

<sup>51</sup> Gorceix, 1892 apud Barbosa, 2005.

<sup>52</sup> CARVALHO, 2002.

<sup>53</sup> Gorceix, 1956, p. 61.

*Farmácia fizeram um abaixo-assinado solicitando que ele desistisse de seu pedido*”.<sup>54</sup> Percebe-se que o fundador caiu no esquecimento da Escola que ele mesmo criou e dirigiu por cerca de quinze anos. Gorceix é legado a um ostracismo no final do século XIX que é contraditório se analisarmos os discursos da comunidade emopiana a partir de sua morte.

Portanto, a partir de seu passamento, em 1919, iniciou-se a construção de um discurso que passou a estar presente em toda vida emopiana: o “espírito de Gorceix” passou a simbolizar toda tradição e a ser clamado em todos os momentos crises da EMOP.<sup>55</sup> Sendo recorrentes nos discursos, inclusive no dia da morte de Gorceix – quando a Escola de Minas prestou uma homenagem ao seu fundador, decretando luto de oito dias e colocando as bandeiras do Brasil e França a meio mastro<sup>56</sup>- a glorificação e elevação do nome de seu fundador. Que passou, a partir desse evento, a ser representado como o fio condutor que levou todas as tradições, virtudes e glórias da EMOP a cada geração de alunos.

Portanto, essa construção mnemônica do espírito de Gorceix é algo que se localiza no início do século XX e vai ao encontro de todo um contexto que se inseria em Minas Gerais. Nesse período estava sendo criada a Escola Livre de Engenharia em Belo Horizonte<sup>57</sup> que representaria uma concorrência aos engenheiros da EMOP que eram absolutos em Minas Gerais. Segundo Barbosa (2005) demarcar efetivamente qual o papel e o lugar do engenheiro da Escola de Minas de Ouro Preto se torna importante nesse momento e nada melhor que a figura de seu fundador como definidor dessa memória.

Nas festividades do aniversário de 45º anos da Escola em 1921 o tom laudatório do espírito de Gorceix foi retomado e ampliado. No discurso do ex-aluno Mario de Lima, Gorceix foi citado como o “*espírito prático e alma mater*”<sup>58</sup> da EMOP. E foi exarcebado com a doação de uma palma de bronze para o túmulo de Gorceix em Saint-Denis-des-Murs com a seguinte inscrição “*À son fondateur, hommage de l'École des Mines de Ouro Prêto (Brésil)*”.<sup>59</sup> O que torna mais relevante para o nosso trabalho não é só visualizar a homenagem feita ao fundador da EMOP, é também perceber que a pessoa que representa a comunidade emopiana nessa viagem até o túmulo de Gorceix na França é Domingos Fleury da Rocha que, nesse mesmo ano, sugeriu a criação de um museu em honra do fundador da Escola.<sup>60</sup> Esse projeto,

<sup>54</sup> CARVALHO, 2002, p. 86.

<sup>55</sup> BARBOSA, 2005.

<sup>56</sup> GORCEIX, 1956, p. 62

<sup>57</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola\\_de\\_Engenharia\\_da\\_Universidade\\_Federal\\_de\\_Minhas\\_Gerais](http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_de_Engenharia_da_Universidade_Federal_de_Minhas_Gerais)

<sup>58</sup> BARBOSA, 2005, p.58.

<sup>59</sup> GORCEIX, 1956, p. 57.

<sup>60</sup> Ata da Congregação 10/11/1970.

no entanto, somente foi colocado em prática na década de 1970, já com outros idealizadores e realizadores.

Em outras ocasiões o culto ao espírito de Gorceix foi retomado. Na celebração do cinquentenário da Escola, em 1926, foi dado o nome do fundador da EMOP a uma estação de estrada de ferro.<sup>61</sup> E, em 1930, em uma homenagem mais grandiosa foi erigido um busto de Gorceix que se encontra no pátio central do antigo prédio da Escola de Minas. Temos que considerar que foi no ano de 1930 que a Escola de Minas foi anexada à Universidade do Brasil, transformando-se em Escola Nacional de Minas e Metalurgia, portanto erigir um busto em honra ao seu fundador é também demarcar a identidade, como já havia sido feito em outros eventos. Segundo Pollack (1989) “*a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis*”.<sup>62</sup> Ser unos e coesos, neste instante, era tão importante quanto em outros momentos de redefinições institucionais, portanto a construção e manutenção da memória de seu fundador vai servir de definição deste “lugar” a ser ocupado pela EMOP.

Também na década de 1950 foi feita uma festividade para a comemoração do centenário de nascimento de Gorceix. Comemoração essa “*absolutamente festiva e grandiosa, [...] atente-se, com doze anos de atraso!*”.<sup>63</sup> Neste caso, cabe outro questionamento: qual a motivação para se realizar um evento com doze anos de atraso? É significativo que em 1953 a EMOP tenha tentado transformar a Escola em Universidade Técnica ligada ao Ministério de Minas e Energia que seria criado pelo Governo Vargas, o Ministério foi criado e a Escola continuou na mesma situação, anexa a Universidade do Brasil, causando uma frustração à comunidade emopiana.

Mas, não se deve negligenciar todo o discurso sobre o espírito de Gorceix encontrado nas publicações da Revista da Escola de Minas (REM) e nas reuniões da Congregação. A cada publicação houve sempre uma parte dedicada à história da EMOP, parte esta que consta de artigos sobre a história do prédio, fatos curiosos, históricos de ex-alunos e principalmente, no dia 12 de outubro de cada ano – data da comemoração do aniversário da Escola – a REM traz sempre um artigo comemorativo, geralmente dedicado a Gorceix. A REM de outubro de 1944, nº 5 e 6, traz um artigo do Prof. Alberto Mazoni que tem como título “Gorceix e a Alma Mater”. Neste artigo o autor define o fundador da EMOP como a alma mater da instituição e traça todas as características do espírito que congrega a Escola de Minas na figura de Gorceix.

---

<sup>61</sup> GORCEIX, 1956, p. 62.

<sup>62</sup> POLLACK, 1989, p. 9.

<sup>63</sup> BARBOSA, 2005, p. 61.

As Escolas tem também uma alma – a “alma-mater” de todas as gerações que passam nos seus bancos. Esta alma é o conjunto material de suas virtudes dominantes, de suas tendências e de suas aspirações, conjunto que individualiza e distingue a Escola. Participam dessa alma todas as gerações de aluno e ex-alunos, conectados pelo liame do corpo de professores permanentes no perpassar das gerações e a quem incumbe colocar em novas mãos a herança dos antigos. Quando em 12 de outubro reúnem-se representantes desses professores e daquelas gerações, numa comunhão fraterna, quase que essa alma se materializa em contornos visíveis. Na Escola amada, debaixo dessa sombra, sorvem todos novos haustos com que retemperar a marcha do amanhã e cumprir a destinação histórica legada pelos maiores. [...] É à sombra de Gorceix que se congregam, porque Gorceix é a figura dominante no Passado, tanto mais admirável quanto visto de mais perto, na inteireza de sua personalidade, cultural e moral. Fundando a Escola, absorvendo-se nela e deu-lhe tanto de sua vida que a Escola passou a fazer corpo consigo mesmo.<sup>64</sup>

Adiante, neste mesmo artigo, o autor destaca que o hábito do trabalho, tão presente na comunidade emopiana, foi introduzido por Gorceix e assim deveria ser seguido “*foi Gorceix quem introduziu na Escola, pela ordem e pelo exemplo, o hábito de trabalho que até hoje a caracteriza*”.<sup>65</sup> O que pode ser encontrado também em outros artigos e também nas atas da Congregação, em que frequentemente utilizavam passagens de textos e da trajetória de Gorceix para justificar a forma de trabalho e a tomada de decisão. Também entre os entrevistados nota-se a referência ao fundador, quando perguntados que informações tinham sobre Gorceix, todos traçaram um histórico extremamente parecido e citaram a mesma frase de autoria de Gorceix “*Minas é um coração de ouro encerrado em um peito de ferro*”.<sup>66</sup>

Hobsbawm (1997) parte do pressuposto que uma “tradição inventada” é caracterizada por

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.<sup>67</sup>

A recorrência na narrativa dos entrevistados e o tom laudatório adotado pela comunidade emopiana, portanto, vêm de um processo que já estava sendo construído e estabelecido no decorrer da história institucional da EMOP. O elo principal de ligação com o passado da Escola é a figura de Gorceix que passa a ser ressignificada e recriada,

<sup>64</sup> MAZONI, A. *Gorceix e a Alma Mater*. REM, n° 5 e 6, ano IX. 12/12/1944, p. 211.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 211.

<sup>66</sup> Entrevista

<sup>67</sup> HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9.

estabelecendo com o passado histórico da Escola de Minas – principalmente o ostracismo a que Gorceix foi legado no final do século XIX - uma continuidade bastante artificial.

Mas, de todas as homenagens prestadas, a mais contundente foi a realizada em 12 de outubro de 1970: foram trasladados os restos mortais de Gorceix para a Escola de Minas de Ouro Preto em uma cerimônia extremamente faustosa, com grande participação da comunidade emopiana. E no mesmo período foi criado um museu em sua homenagem. Projeto esse que já vinha sendo desenvolvido desde 1969 pelo ex-aluno Amaro Lanari Jr. Fato esse sobre o qual nos debruçaremos adiante.

#### **4.2 Do “Patheon dos Pioneiros da Siderurgia Brasileira” ao Traslado**

Antes de nos determos mais especificamente ao traslado dos restos mortais de Gorceix, nos ateremos ao proponente dessa idéia e às negociações estabelecidas para que ele ocorresse efetivamente. Também explanaremos sobre as propostas como a criação de um “Patheon dos Pioneiros da Siderurgia Brasileira” e a tentativa de se estabelecer um concurso para escolher o projeto arquitetônico desse panteão.

A homenagem mais expressiva ao fundador da Escola de Minas de Ouro Preto partiu do projeto de Amaro Lanari Jr, ex-aluno da Escola de Minas e também filho de um dos ex-alunos mais participativos da comunidade emopiana. Amaro Lanari Jr foi um dos idealizadores da Fundação Gorceix e também um dos maiores financiadores de projetos da Escola. Criador da Usiminas – empresa fundada na década de 1950 na cidade de Ipatinga – desenvolveu diversos projetos relacionados à mineralogia no país. Também esteve presente, em 1969, como representante dos ex-alunos e das empresas siderúrgicas de Minas Gerais na reunião com o Ministério da Educação que proporia a criação da UFOP.

Todos os eventos de homenagem a Gorceix citados anteriormente, contou com a participação efetiva da família Lanari, principalmente no evento de comemoração do centenário de nascimento de Gorceix, no qual Amaro Lanari proferiu o discurso em nome dos ex-alunos. Partindo desse princípio de participação na vida emopiana, Lanari Jr idealizou e executou o traslado dos restos mortais de Gorceix, ficando também sob sua responsabilidade todo o processo burocrático e o custeio da transladação que ocorreu a cargo da empresa que este era presidente.

O primeiro registro que encontramos sobre esse processo é datado de 05 de novembro de 1969, em correspondência recebida por Amaro Lanari Jr e remetida por Geraldo Eulálio do

Nascimento e Silva (Secretário Geral Adjunto para Assuntos da Europa Ocidental) do governo brasileiro, na qual houve a confirmação do recebimento do “*requerimento a respeito do traslado dos restos do Doutor Claude Henri Gorceix, um dos pioneiros da Siderurgia Brasileira, para o futuro Panthéon dos Pioneiros da Siderurgia Brasileira.*”<sup>68</sup> Nesta correspondência fica bem claro o propósito da transladação e isso nos remete ao processo que já havia sido iniciado antes dessa data, visto que essa correspondência é uma resposta a um requerimento. Requerimento que não foi encontrado em meio à documentação da Escola de Minas. Contudo, podemos afirmar que as discussões para um possível traslado antecederam a novembro de 1969, mas não podemos determinar certamente o início desse processo por ausência de documentação.

Porém, há um dossiê sem datação encaminhado ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil que explicita a importância do Professor Claude Henri Gorceix para a Siderurgia Nacional. Esse dossiê foi composto por pequenos textos sem autoria identificada, tendo como títulos “*Marcos da História Siderúrgica Brasileira*”, “*Comentário do Dr. Amaro Lanari sobre Gorceix*” e “*Notícias sobre a morte de Gorceix*”<sup>69</sup>, sendo assinado pelo presidente da USIMINAS – Amaro Lanari Jr, pelo diretor da EMOP - Antonio Pinheiro Filho, e pelo diretor da Fundação Gorceix – Raimundo Campos Machado. Como podemos notar, esse dossiê seria uma forma de indicar os motivos para a transladação dos restos mortais de Gorceix e delimitar toda a importância do fundador da EMOP não só para a comunidade emopiana, mas para todo o Brasil.

Todo processo burocrático e as despesas com o traslado ficaram a cargo USIMINAS. Entrou-se em contato com o único parente direto de Gorceix que residia na França, seu sobrinho-neto Antoine Gorceix. Esse autorizou o traslado dos restos mortais e se mostrou desejoso de participar da celebração juntamente com sua esposa. Fato esse que ocorreu com todos os custos da viagem de Antoine Gorceix e sua esposa sobre responsabilidade da Usiminas, que ainda ofereceu uma viagem por alguns pontos turísticos do Brasil, passando pelas cidades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte para que, enfim, chegasse a Ouro Preto.

Não foi apenas a negociação com Antoine Gorceix; houve também a negociação com o Cônsul francês e a prefeitura de Bujaleuf. Para a efetiva transladação, estiveram envolvidos órgãos como o Ministério das Relações Exteriores, Consul Francês, a Prefeitura de Bujaleuf e a Prefeitura de Ouro Preto, assim como a EMOP e a USIMINAS.

---

<sup>68</sup> Correspondência Recebida 05/11/1969. Série Traslado. APEMOP

<sup>69</sup> Dossiê para o traslado dos restos mortais de Gorceix. Série Traslado. APEMOP



Eulálio do Nascimento e Silva, como representante do cônsul francês, se tornou responsável por representar a EMOP em todo o processo burocrático e na cerimônia de exumação na França. Respondeu à contratação da empresa “Pompes Funèbres Générales S.A.” que efetuou a exumação e a acomodação dos restos mortais para o transporte para o Brasil. A organização do evento na cidade e a aquisição das passagens para o casal Gorceix ficaram também sobre seu encargo. Mas, por mudança no cargo de cônsul, durante a celebração na França quem passou a responder pela Escola de Minas foi Helio Antonio Scarabiotolo que assumiu o cargo de Cônsul geral do Brasil na França.<sup>70</sup>

A data marcada para o recebimento dos restos mortais no Brasil não poderia ser outra a não ser o doze de outubro – aniversário da EMOP. Após a confirmação da disponibilidade de comparecimento de Antoine e sua esposa para essa data, passou-se o comunicado aos representantes políticos, a comunidade emopiana e a população ouropretana. A exumação na França ocorreu no dia 29 de setembro e contou com uma cerimônia bastante simples se comparada à cerimônia em Ouro Preto que detalharemos mais no decorrer deste texto.

Mas, todo esse processo de transladação dos restos mortais de Gorceix partiu de um projeto inicial de construção de um “Panthéon dos Pioneiros da Siderurgia Brasileira”, projeto esse que não chegou a ser executado, ficando somente no papel. A proposta foi bem aceita pela comunidade emopiana, mas ficou fechada a esse círculo. Dois fatores importantes impossibilitaram a execução desse projeto: primeiro a falta de apoio financeiro e segundo a falta de envolvimento de outros órgãos da siderurgia nacional.

O projeto do Panthéon constava da construção de um monumento que abrigasse não só os restos mortais de Gorceix como também de outros personagens importantes para a Siderurgia brasileira. Não foi possível identificar o local exato onde seria construído esse panteão, mas acreditamos que seria na cidade de Ouro Preto. Provavelmente não dentro do prédio da Escola de Minas, visto que Amaro Lanari Jr propôs um “*Concurso Nacional Gorceix de Escolas de Arquitetura*”<sup>71</sup> para efetuar um projeto para a construção de um panteão.

Desse “Concurso Nacional Gorceix de Escolas de Arquitetura”, que contaria com a participação de alunos e professores de diversas escolas de arquitetura do país, sairia o projeto para o panteão com a premiação para os três primeiros lugares. Mas, como foi dito anteriormente, um dos fatores que impossibilitaram esse concurso foi a falta de financiamento. Lanari Jr propôs ao Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS) que financiasse o

---

<sup>70</sup> Jornal “Centre-Pressé” 30/09/1970. APEMOP

<sup>71</sup> Correspôndência Recebida 29/07/1970. APEMOP

segundo prêmio desse concurso. Mas o IBS negou esse pedido afirmando que o valor de Cr\$5.000,00 (cinco mil cruzeiros) era alto para o instituto que não possuía tantos recursos e que este tipo de iniciativa abriria precedente para outros tipos de financiamento que não caberia aquele órgão executar.<sup>72</sup> Portanto essa negativa surtiu como um dos pontos que impossibilitaram esse concurso.

Não só a negativa do IBS, não há registro na documentação de outras empresas que desembolsaram algum tipo de o financiamento para os prêmios para os primeiros colocados no concurso ou mesmo para a construção do Panteão. Notando-se que não só o fator financeiro impediu a execução do concurso, mas também a falta de envolvimento de outras partes. Não se encontra nenhuma outra referência a esse concurso que acabou sendo abandonado, ficando evidente que esse projeto interessava mais propriamente a EMOP do que as outras instituições vinculadas à siderurgia. Passou-se a admitir, então, a idéia da trasladação somente dos restos mortais de Gorceix que ficaria abrigado dentro da própria Escola de Minas, na Antiga Capela que estava em desuso.

A EMOP sempre requisitou para si o título de berço da siderurgia brasileira, o que nunca foi bem aceito pelas outras Escolas de Engenharia do Brasil, visto que a Escola Politécnica do Rio de Janeiro criada em 1862, portanto, quatorze anos antes da EMOP, foi fundada com cursos de engenharia. A construção de um panteão seria um meio da EMOP trazer para si esse título. O que nos sugere que a negação do IBS ao patrocínio do Panteão da Siderurgia, seria uma forma dela demonstrar sua revelia a esse título.

Retomando então a trasladação dos restos mortais de Gorceix, podemos afirmar que foi um processo de intensa negociação tanto para a USIMINAS quanto para a EMOP. O número de correspondências trocadas entre Lanari Jr e Antonio Pinheiro Filho (diretor da EMOP neste período) é grande. Todas essas correspondências caíam em um mesmo assunto: a busca de financiamento para a construção do panteão e os gastos com o processo. Os gastos da USIMINAS com todo o projeto giraram em torno de US\$30.000,00 – um valor alto para a época.

A participação efetiva da EMOP se deu no final do processo com a organização da cerimônia em Ouro Preto. Foi criada uma comissão composta pelos professores Washington Moraes de Andrade, Rômulo Soares Fonseca, Christiano Barbosa da Silva e José Storry dos Santos que ficaram a cargo de toda a organização e divulgação da cerimônia.

E, portanto, esse processo de intensa articulação e mobilização dos membros da EMOP e principalmente a USIMINAS na figura de Lanari Jr surtiu um efeito aglutinador da

---

<sup>72</sup> Correspondência Recebida. 29/07/1970. Série Traslado. APEMOP

retórica emopiana a respeito do espírito de Gorceix. Os custos para a transladação são poucos se comparados a toda representatividade da celebração, que até hoje habita a memória do povo ouropretano.

### 4.3 A cerimônia: França – Brasil

Podemos dividir a transladação dos restos mortais de Gorceix em dois eventos: a cerimônia na França e a solenidade no Brasil. Ambos foram cobertos de simbolismos, com intensidade tanto para os membros da cidade de Bulajef como para a comunidade ouropretana. Não podemos aquilatar o peso dessa cerimônia para os moradores de Bulajef, visto que nenhum deles foi entrevistado. Mas acreditamos que seja menor porque a representabilidade da figura de Gorceix na França é reduzida se comparada ao Brasil.

Vale lembrar que a maior parte dos trabalhos do fundador da EMOP enquanto cientista foi desenvolvido no Brasil. Sua participação na França se deu nos primeiros anos de sua vida acadêmica enquanto aluno na Escola de Minas de Paris e laboratorista na mesma Escola. E mesmo após o seu afastamento da Escola de Minas de Ouro Preto Gorceix não retomou seu trabalho como professor e cientista na França. Portanto o valor atribuído ao fundador da EMOP no Brasil é maior pelo seu grande destaque enquanto divulgador da ciência no país.

Os restos mortais de Gorceix foram exumados no dia 14 de setembro de 1970 pela empresa “Pompes Funèbres Générales”<sup>73</sup> no cemitério de Saint-Denis-des-Murs e foram transportados até a cidade de Paris onde foi embarcado de avião no dia 8 de outubro para o Brasil. A “Pompes Funèbres Générales” foi também responsável pela emissão de um laudo, destituindo qualquer risco de epidemia naquela cidade e assim dos restos mortais de Gorceix. A urna que abrigou e ainda abriga os restos mortais foi encomendada pela USIMINAS que exigiu que essa fosse de madeira de boa qualidade nas seguintes dimensões “*largura 52 centímetros comprimento um metro e 10 centímetros*”<sup>74</sup> e foi despachada para o Brasil pela “*Varig voo RG 833 quinta dia oito em nome USIMINAS Belo Horizonte PT*”.<sup>75</sup>

A cerimônia na França ocorreu no dia 29 de setembro de 1970 e contou com uma missa solene na igreja local da cidade de Bulajef e uma solenidade cívica na prefeitura local. Houve a participação de populares e das autoridades locais que discursaram durante a missa.

<sup>73</sup> Dossier des pièces conernat le transport du corps de Restes mortels (ossement) Monsieur Henri Claude Gorceix. 1970. APEMOP

<sup>74</sup> Telegrama recebido pela USIMINAS em 01/10/1970. APEMOP

<sup>75</sup> Ibidem.

Em correspondência à EMOP, Helio Scarabotolo descreveu sua participação na cerimônia em Bulajeuf como representante da EMOP.

A solenidade constou de missa solene celebrada na igreja local em presença de altas autoridades do departamento de Vienne, do prefeito de Bujaleuf, da família Gorceix, representantes dos antigos combatentes e do Colégio de Paris e de quase toda a população da pequena cidade, onde Gorceix foi prefeito depois de voltar do Brasil. Após a missa houve solenidade cívica, na prefeitura, ocasião que me foi entregue pelo prefeito, a urna funerária contendo os restos mortais do sábio francês, fundador da Escola Federal de Minas de Ouro Preto.<sup>76</sup>

Não só o Consul, mas também os jornais locais descrevem a cerimônia, caracterizando-a como símbolo da união entre os franceses e os brasileiros. O que mais nos chama a atenção na solenidade cívica é a grande presença de representantes de instituições nas quais Gorceix pertenceu, como por exemplo, o colégio Gay-Lussac onde Gorceix desenvolveu suas primeiras letras e os representantes dos antigos combatentes. Um sentimento de pertencimento e mesmo honradez se fez presente a todos esses grupos que passaram a admitir, na figura de Gorceix, o elo e o suporte a suas identidades, que naquele momento se transmutou em franco-brasileira. Podemos exemplificar essa situação com a matéria do jornal local que no dia seguinte da celebração trouxe como título “*Les transferet des cendres d Henri Gorceix a donné a une manifestation d’amitié franco-brésilienne*”,<sup>77</sup> na qual mostra a idéia principal da cerimônia na França.

A celebração francesa contou com um ar solene, tanto que na fotografia que registra essa celebração é possível perceber que os trajes utilizados pelas pessoas eram para uma celebração rigorosa, os homens estavam todos de terno. É possível verificar também a presença de uma bandeira, provavelmente da França e a urna com os restos mortais está coberta com um tecido que acreditamos que seja um veludo.

---

<sup>76</sup> Correspondência recebida 01/10/1970. APEMOP

<sup>77</sup> Jornal “Centre Presse” 30/09/1970. APEMOP



Fig. 1 Foto: Eivaldo Lima Neves – Acervo Original do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

Outro ponto importante que destacamos na cerimônia francesa, são os discursos pronunciados pelo prefeito e representantes locais. Todos esses discursos foram cobertos por um sentimento de admiração e mesmo gratidão à Gorceix, o que coincide muito com toda a retórica adotada pelos emopianos do “espírito de Gorceix”.

De l’activité féconde d’Henri Gorceix je me bornerai à ne retenir que deux aspects: as volonté de ne pas se limite au cadre restreint des frontières nationales et son désir d’enseigner, de communiquer, le partager les connaissances qu’il avait acquises, car c’est en ceci qu’il s’est montée authentiquement chrétien.<sup>78</sup>

Assim como nos outros discursos que demonstram o mesmo sentimento de exaltação e honra por ter na cidade de Bujaleuf um cientista ilustre e tão representativo para o Brasil. Fica bem claro que este representou a união franco-brasileira como pode ser visto no discurso do Cônsul geral do Brasil “*Henri Gorceix était français mais c’était aussi um Brésillien lié a une grande famille de Brésiliens*”<sup>79</sup> assim como no pronunciamento do prefeito de Bulajef “*Au moment ou vont être remises et confies au représentant de la République du Brésil les cendres du plus illustre des fils de ce coin de terre Limousine [...]*”<sup>80</sup> Portanto, notamos que a cerimônia na França contou com um grande aparato e participação popular, mas de tamanho reduzido se compararmos com a cerimônia no Brasil que passaremos a detalhar a partir de agora.

<sup>78</sup> Ibidem.

<sup>79</sup> Ibidem

<sup>80</sup> Ibidem

Os antecedentes da celebração no Brasil contou com o envolvimento de toda a comunidade emopiana, da USIMINAS, de membros do clero e da comunidade ouropretana. Dias antes da chegada dos restos mortais, foi criada uma comissão composta por membros da Congregação para a organização e divulgação do evento. Essa comissão foi responsável pelo envio dos convites e pela distribuição dos encarregados para carregar a urna de Gorceix durante o cortejo.

Puderam ser encontrados, na documentação, três tipos de comunicação para o convite do traslado: um convite interno que foi divulgado em reunião da congregação; um convite oficial que foi enviado via correio a todos os ex-alunos e autoridades políticas e religiosas; e outro convite que foi afixado nas ruas da cidade de Ouro Preto trazendo o seguinte texto

Para receber a urna funerária contendo as cinzas daquele notável mestre francês, a PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRÊTO, a USIMINAS, a FUNDAÇÃO GORCEIX e a ESCOLA FEDERAL DE MINAS DE OURO PRÊTO convidam o nobre povo desta cidade a concentrar-se, em frente à Santa Casa de Misericórdia, às 9 horas do próximo domingo dia 11, e acompanhá-lo até o portão da ESCOLA FEDERAL DE MINAS DE OURO PRÊTO[...]<sup>81</sup>

Essa divulgação se mostrou bastante eficaz para a população ouropretana podendo-se verificar, nos relatos dos entrevistados, que no decorrer do centro histórico haviam esses cartazes afixados nos postes e locais de grande circulação da cidade. E também demonstrou que boa parte da população desconhecia efetivamente quem era Henri Gorceix. Segundo um entrevistado a sua participação, assim como de demais membros da comunidade ouropretana, foi devida à curiosidade

Então o Henri Gorceix, ele, a gente ouvia falar, tinha curiosidade, depois nós ouvimos contar que num doze de outubro viria os restos mortais, viriam pra Escola de Minas de Ouro Preto. No antigo palácio [...] e ficamos olhando da janela daqui de casa, de longe [...]<sup>82</sup>

No programa proposto pela EMOP constava a seguinte ordem: às 8 horas a urna sairia de Belo Horizonte e chegaria a Ouro Preto às 09h30min em frente à Santa Casa de Misericórdia onde a população ouropretana e emopiana estaria reunida. Seria formado um cortejo e este seguiria até a Escola de Minas de Ouro Preto onde haveria uma missa solene e uma solenidade onde seria posta uma coroa de flores sobre a urna de Gorceix, seguida de toque fúnebre pelos Dragões da Inconfidência. Este cronograma foi entregue em

<sup>81</sup> Convite ao povo de Ouro Preto. Série Traslado. APEMOP

<sup>82</sup> Entrevista.

correspondência a todos os ex-alunos e demais autoridades que carregaram a urna com os restos mortais de Gorceix.

Como foi indicado no programa, os restos de Gorceix chegaram a cidade de Ouro Preto na manhã do domingo dia 11 de outubro de 1970. Segundo relatos de entrevistados, a urna foi esperada na entrada da cidade por um carro de bombeiros que a encaminhou para frente da Santa Casa de Misericórdia de Ouro Preto onde era esperada pela comunidade em geral. Foi formado um cortejo composto pelos Dragões da Inconfidência que puxaram o cortejo e também guardaram a urna funerária. Seguindo a urna que foi carregada por ex-alunos, encontrava-se as demais autoridades, ex-alunos e funcionários da EMOP, seguido pela banda de música do Palácio da Liberdade de Belo Horizonte como alunos das escolas e colégios locais, irmandades religiosas e demais populares.

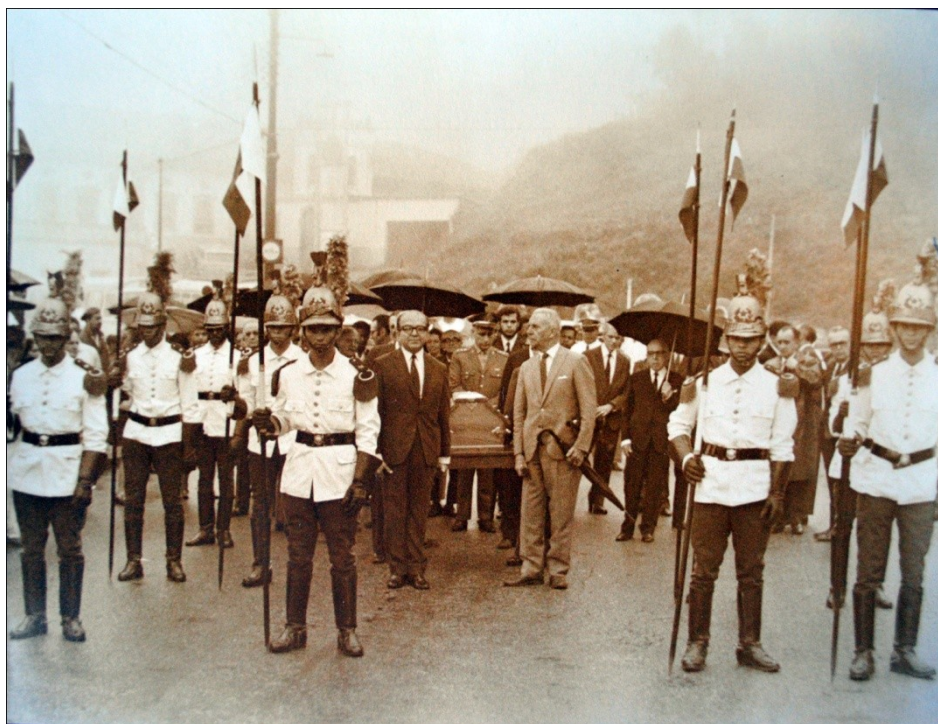


Fig. 2 Foto: Edivaldo Lima Neves – Acervo Original do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

O cortejo seguiu em direção à EMOP e o transporte da urna foi revezado em pontos específicos entre as autoridades e ex-alunos pré-selecionados pela Congregação. Consta que os sinos das igrejas da cidade tocaram funebrememente durante a recepção das cinzas, principalmente o sino da Capela de Santa Casa de Misericórdia que pertencia à antiga Capela da Escola de Minas.

A urna foi recebida por uma aglomeração de pessoas no portão principal da Escola. Nesse momento, foi executado o Hino Nacional Francês e “*o transporte da urna do portão*

até a porta principal esteve a cargo de estudantes e funcionários administrativos da Escola”.<sup>83</sup> A partir da porta principal, a urna foi repassada aos ilustres ex-alunos como o “Governador do Estado de Minas Gerais, Eng. Israel Pinheiro da Silva e pelo Governador do Estado de Goiás, Eng. Leonino Di Ramos Caiado”,<sup>84</sup> que a transportaram até o saguão da Escola onde foi depositada e em seguida foi celebrada a missa solene de réquiem.

A urna foi depositada bem aos pés da escadaria do pátio da Escola sendo guardada pelos Dragões da Inconfidência e, como podemos verificar por meio das fotografias do evento, foi montada uma mesa com flores e um microfone para os pronunciamentos e discursos.



Fig. 3 Foto: Edivaldo Lima Neves – Acervo Original do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

A missa foi celebrada por Revmo. Monsenhor Antônio Russo, Vigário Geral, que representou o Exmo. Dom Oscar de Oliveira, Arcebispo de Mariana, missa essa que foi acompanhada em latim pelos cânticos do Coral Cristo Rei de Saramenha.

É digno de destaque, acerca da celebração, seu tom fúnebre, assumido tanto pela comunidade emopiana como pela população ouropretana. Segundo entrevistados, “o povo acolheu com respeito, mas, com aquele ar muito solene”<sup>85</sup> e mesmo uma atmosfera de tristeza e sofrimento. O dia frio, chuvoso e de nevoeiro baixo<sup>86</sup> contribuiu para que os aspectos

<sup>83</sup> Correspondência Expedida 30/10/1970.

<sup>84</sup> Disponível em: <http://www.em.ufop.br/em/translado.php>. Acesso em 10/11/2009.

<sup>85</sup> Entrevista

<sup>86</sup> “Traslado”, s/d. APMEOP e entrevista.



fúnebres se tornassem maiores. Mas, há que se ponderar: não seria este dia um dia festivo para os ex-alunos da EMOP na qual comemorariam o retorno de seu fundador? Qual o motivo para um tom fúnebre nesta solenidade?

Respostas exatas para as indagações acima não temos, mas acreditamos que o decorrer da descrição da cerimônia preencha algumas lacunas sobre esse tom fúnebre. Após a missa de réquiem foram feitos os discursos por Amaro Lanari Jr., representando a USIMINAS, por Dr. Pedro Calmon como representante da Escola de Minas e a urna seguiu somente acompanhada pelos membros da Escola de Minas de Ouro Preto e autoridades para a Capela Imperial da Escola<sup>87</sup> que foi transformada em Panteão Gorceix. Fizeram os pronunciamentos o Professor Jair Carvalho da Silva,<sup>88</sup> o Dr. Antoine Gorceix e o Professor Antonio Moreira Calaes – diretor em exercício. E para representar todo o simbolismo da figura de Gorceix “*aos pés da urna, em tocheiro de pedra-sabão uma lâmpada à óleo foi acendida pelo Dr. Antoine Gorceix. Essa chama permanecerá constantemente acesa como símbolo da presença perene do “Espírito de Gorceix”*”.<sup>89</sup> Logo após esse procedimento para finalizar a cerimônia foi executado um toque de silêncio pelos Dragões da Inconfidência.

A partir do explicitado acima podemos perceber o porquê do tom fúnebre adotado pela EMOP: chorava-se a morte e celebrava-se a chama viva do “espírito de Gorceix” que desejosamente estaria presentificado simbolicamente pela lâmpada e pelos objetos do fundador dispostos no panteão. Percebemos que este local seria destinado à contemplação, como podemos encontrar nas palavras de um dos entrevistados sobre sua definição para o Panteão de Gorceix “*um templo, um lugar venerado*”.<sup>90</sup> E nada melhor do que o local que abrigou uma Capela para essa destinação.

## 5. CAMINHOS DA MEMÓRIA

### 5.1 A criação do Museu Gorceix

Como foi exposto nos capítulos anteriores, a Escola de Minas vivia um contexto de redefinição institucional que culmina com a criação da UFOP. A cerimônia de transladação dos

<sup>87</sup> Capela Imperial que foi construída em 1781 com a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Foi transferida para o Colégio Dom Bosco em Cachoeira do Campo com a transferência da Escola de Minas para o prédio do Antigo Palácio dos Governadores. Sendo somente reincorporada ao prédio em 1974.

<sup>88</sup> Ex-aluno dos cursos de Engenharia Metalúrgica, Minas e Civil pela Escola de Minas (turma de 1942). Foi professor catedrático da disciplina de Mineralogia e Ótica Cristalina. Sendo diretor da EMOP no ano de 1964.

<sup>89</sup> Correspondência Expedida 30/10/1970. APEMOP

<sup>90</sup> Entrevista

restos mortais representou uma tentativa de afirmação da identidade emopiana e manutenção do espírito de Gorceix. E nada melhor que a criação de um museu em honra ao fundador da Escola para congregar todo esse desejo de afirmação perante as outras Escolas pertencentes à UFOP e as demais Escolas de Engenharia.

A questão da manutenção da identidade, consonante à propagação das tradições emopianas, vai ao encontro dos interesses tanto individuais como coletivos desse grupo. É notório, em momentos de crise e redefinições, as instituições se apearem ao que possuem de mais relevante. E a Escola de Minas de Ouro Preto, não sendo indiferente a esse processo se apega as tradições e retoma o culto ao fundador como fio condutor da união e representante da força que a EMOP possui.

Segundo Gonçalves (2002) “*os patrimônios culturais são estratégias por meio das quais grupos sociais e indivíduos narram sua memória e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento*”.<sup>91</sup> O Núcleo da memória da EMOP é algo de reconhecimento e identidade para a Escola e seus membros, sua disposição e objetos servem de narrativa para se contar a história dessa instituição. Como local de memória e fruto da memória coletiva, essa sala sofre redefinições, ressignificações a cada momento em que é revivida. Possui como função, a partir de um mínimo de sinais – fotografias, cartas, restos mortais do fundador da escola – imortalizar e glorificar a instituição e todas as tradições emopianas.

Portanto, como local de memória a criação do Museu Gorceix, não poderia ser um fato isolado na constituição histórica da Escola de Minas de Ouro Preto. Como foi aqui discutido, o traslado dos restos mortais de Gorceix foi uma cerimônia grandiosa e bastante representativa para os emopianos. Nessa cerimônia foram reunidos e também doados alguns objetos pertencentes à Gorceix para constituir o Panteão do fundador. A partir desse fato, acreditamos que a criação do Museu Gorceix está extremamente arraigado ao traslado dos restos mortais para a Escola de Minas de Ouro Preto. Não podemos afirmar que a idéia principal para a transladação seria a criação do Museu, visto que a proposta inicial de Amaro Lanari Jr. seria a criação de um Panteão dos Pioneiros da Siderurgia no Brasil. Mas foi a partir da cerimônia de transladação que o Museu foi criado.

O primeiro local que abrigou os restos mortais de Gorceix – a antiga Capela Imperial – pode ser considerado um primeiro esforço para a montagem de um Museu dentro da EMOP. Foram dispostos nessa sala, além da urna funerária, objetos pessoais de Gorceix, como um

---

<sup>91</sup> GONÇALVES. Os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: FGV/CNPQ, 2002, p. 17.

*pince-nez*, livros e cartas que foram doados por Antoine Gorceix e outros objetos que foram reunidos dentro da própria Escola. Em correspondências internas, fica nítido que foi a partir do traslado dos restos mortais de Gorceix, portanto no dia 11 de outubro de 1970, que o Museu Gorceix foi criado. Porém, temos que considerar essa data com certo receio, porque não foi possível detectar na documentação da EMOP um decreto criando o Museu Gorceix, somente a citação e menções ao Museu passam a ser encontrados a partir dessa data.

Na primeira reunião da Congregação após o evento, no dia 14 de outubro de 1970, é fundado o então Museu da Escola de Minas que passa a congregar recém criado Museu Gorceix – que se torna uma seção deste – como também outros ambientes da Escola, como por exemplo a coleção de Mineralogia. Portanto, a vida útil do Museu Gorceix como ser autônomo dentro da Escola de Minas é de apenas três dias, causando certa confusão até mesmo aos emopianos que, na atas e correspondências, utilizam as duas denominações para tratar tanto do Museu da Escola de Minas tanto para tratar do Museu Gorceix.

A proposta de criação do Museu da Escola de Minas partiu do Cássio Elísio Figueiredo Damázio que, em reunião da Congregação do dia 14 de outubro de 1970, que por não ser membro da Congregação teve a sua proposta apresentada pelo professor Washington Moraes de Andrade. Essa proposta foi bem aceita por toda a Congregação que a aprovou unanimemente indicando como seu primeiro Diretor o Professor Christiano Barbosa da Silva.

Mas, se recuarmos um pouco na história da EMOP, notamos que o desejo de criação de um Museu destinado à Gorceix, ou mesmo um Museu da Escola de Minas, é anterior a esse período, fato esse reconhecido pelos próprios emopianos. Em 1921, durante as festividades de aniversário de 45 anos da EMOP, Domingos Fleury da Rocha<sup>92</sup> propõe a criação de um Museu em honra a Gorceix, projeto esse que foi aceito, mas não desenvolvido nesse período e muito menos retomado nas discussões durante os cinquenta anos que se passaram até a fundação do Museu da Escola de Minas. Quando a proposta é retomada na década de 1970, o Professor Christiano Barbosa da Silva recupera a correspondência endereçada a seu pai, Augusto Barbosa da Silva, em 1921, em que Domingos Fleury da Rocha relata seu desejo de criação de um Museu sobre Gorceix. E, como demonstração de respeito à proposta de Domingos Fleury da Rocha – que na década de 1970 é um professor já idoso e aposentado – os membros da Congregação lhe endereçam uma carta discorrendo acerca da fundação do Museu e pedindo assim a sua colaboração.

---

<sup>92</sup> Ex-aluno dos cursos de Engenharia Civil e Minas pela Escola de Minas. Foi professor catedrático das disciplinas de Estrada de Ferro e de Rodagem e de Pontes e Viadutos e Grandes Estruturas. Sendo diretor da EMOP nos períodos de 1927 a 1930 e de 1945 a 1956.

O Museu já existe e espera que a sua colaboração, tão bem iniciadas com as informações contidas naquela carta, continue para que se possa promover entre as gerações atuais e futuras os nomes e as obras daqueles que precederam na construção desse patrimônio que é a Escola de Minas de Ouro Preto. Ninguém melhor que o senhor poderá prestar à sua Escola mais preciosa colaboração nesse sentido. Não só pelo conhecimento profundo que tem do seu passado e da atuação daqueles que a criaram, como também porque talvez possa ceder ao Museu documentos, fotografias, cartas, publicações, enfim o material que julgar útil para a finalidade em vista.<sup>93</sup>

A questão da divulgação e da promoção das tradições e glórias da Escola de Minas é a peça fundamental para a criação e mobilização dos emopianos com o Museu. Aqueles que detinham um maior conhecimento da história da Escola passaram a ser procurados para se proceder a uma recomposição fiel e detalhada da passagem de Gorceix na Escola. Cartas são enviadas a ex-alunos e funcionários com pedidos de ajuda para a obtenção de objetos para comporem o recém criado Museu. Quem atua no papel de aglutinador dessas informações é o professor Christiano Barbosa da Silva que, como primeiro diretor do Museu, é visto pelos emopianos como responsável pela guarda da memória da EMOP. Nesse sentido, cabe uma observação sobre a origem do acervo do Museu Gorceix e do Museu da Escola de Minas.

A natureza do acervo em tela possuía dupla procedência, a saber: os objetos que foram doados para o Museu e aqueles pertencentes ao acervo da Escola. O acervo inicial do Museu da Escola de Minas constou basicamente de objetos que foram doados pela família Gorceix e outros que se encontravam espalhados pela Escola que foram reunidos para compor a primeira coleção do Museu. O primeiro registro do acervo do Museu data de 31 de outubro de 1970, cerca de quinze dias após a criação desse. Esse documento descreve como peças integrantes do Museu a documentação pertencente à Gorceix e a Escola de Minas como cartas endereçadas ao primeiro diretor, artigos publicados nos Anais da Escola de Minas, assim como artigos de jornais, um retrato a bico de pena de Gorceix e a mobília da sala de sua casa.

Não foi possível detectar a disposição exata desses objetos, mas, por meio dos depoimentos, nos aproximamos o que seria essa disposição. Ao descrever o Panteão, um entrevistado nos da à dimensão de como estava organizada a sala *“Eu lembro de uma urna com uma bandeira vermelha, coberta com uma bandeira vermelha. Não era toda vermelha não, parece que era a bandeira da França e a bandeira do Brasil, isso aí eu tenho uma vaga lembrança”*.<sup>94</sup> Outro entrevistado acrescenta que havia também uma lamparina e objetos de Gorceix em uma armário no canto da sala do Panteão. E foi consensual que a primeira localização do Museu, exceto o Panteão, se encontrava no segundo andar do lado direito. O

---

<sup>93</sup> Correspondência Expedida 11/10/1970. APEMOP

<sup>94</sup> Entrevista

que coincide com a atual localização das salas da Congregação e a Galeria do Ex-aluno que são partes integrantes do Núcleo da Memória do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas.

Mas, retomando a questão da origem do acervo do Museu, quatro personagens foram importantes para a conservação da história do traslado e do Museu. A USIMINAS, Leônidas Damázio, Moacyr Amaral Lisboa e Augusto Barbosa da Silva<sup>95</sup> na figura de seu filho Christiano Barbosa da Silva, foram responsáveis pela doação da maior parte dos objetos que compuseram a exposição permanente do Museu da Escola de Minas. A USIMINAS doou dois filmes e 83 fotografias do traslado,<sup>96</sup> a lembrança do túmulo de Gorceix e uma pasta contendo o processo de exumação e transladação na França e no Brasil. Moacyr do Amaral Lisboa emprestou e doou documentos importantes da história da EMOP como “*Contratação de GORCEIX para organizar, a serviço do Governo Imperial, o ensino da Mineralogia e da Geologia. Ligateou Impériale du Brésil – Paris, Le 12/3/1874*”<sup>97</sup> e “*Carta de GORCEIX ao Prof. Costa Senna – 4 de julho de 1886*”<sup>98</sup> entre outros.

Outras pessoas responsáveis pela guarda da memória da Escola foram Leônidas Damázio e Augusto Barbosa da Silva, ambos por ser contemporâneo a Gorceix na Escola de Minas possuía uma vasta documentação, livros e objetos pessoais tanto de Gorceix como da Escola. Estes foram responsáveis pela guarda do material que na fundação do Museu foram doados por seus filhos e netos para constituir o primeiro acervo. Christiano Barbosa da Silva, filho de Augusto Barbosa da Silva, ao assumir o cargo de Diretor do Museu, doou documentos e fotografias que herdara de seu pai como o “*Decreto de D. Pedro II nomeando Augusto Barbosa as Silva para o lugar de lente da 1ª Cadeira do terceiro ano do Curso Geral da Escola de Minas – Palácio do Rio Negro em 18/junho/1889, 68ª da Independencia e do Imperio – Pedro II – Barão de Loreto*”,<sup>99</sup> “*O Brasil na Exposição Universal de Turim – cartas, discursos, telegramas, artigos da imprensa nacional e estrangeira*”,<sup>100</sup> entre outros que somaram a maior parte do acervo.

Santos (2006) utiliza o termo “culto da saudade” para designar nos museus históricos uma “*tentativa de consolidar uma tradição nacional por meio de objetos, que por serem valorizados como autênticos fragmentos do passado, funcionavam como símbolos poderoso*

<sup>95</sup> Augusto Barbosa da Silva foi ex-aluno e professor da EMOP, um dos poucos alunos a EMOP a receber bolsa de Estudo para o exterior direto do Imperador Dom Pedro II. Assumiu o cargo de Diretor no período de 1919 a 1927. Faleceu em 1939 na cidade de Ouro Preto onde foi sepultado.

<sup>96</sup> Correspondência Recebida 04/11/1970.

<sup>97</sup> Inventário Museu Gorceix 31/10/1970. APEMOP

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> Ibidem.

<sup>100</sup> Ibidem

dos “heróis” eleitos por uma parte da elite dirigente”.<sup>101</sup> Apropriando-nos do termo, podemos considerar que os emopianos tomam esses objetos como um “culto da saudade” por visualizar neles a tradição e a manutenção de um tempo glorioso para a EMOP.

A partir de sua abertura para o público, portanto, o Museu da Escola de Minas passou a funcionar até 1974 com as seguintes salas: Panteão Gorceix – que se localizava na Antiga Capela Imperial, Galeria dos ex-alunos – primeira sala no segundo andar, Galeria dos Ex-Diretores – sala da Congregação – e a Diretoria da Escola de Minas. É importante destacar que esta disposição sofre alterações em 1974, quando o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional (SPHAN) determina o retorno da Capela Imperial a seu lugar de origem ficando o Panteão Gorceix, desde então, instalado em uma sala no segundo andar da Escola. Detalharemos a seguir, um pouco mais a composição dessas salas.

A Galeria do Ex-aluno foi composta por fotografias das turmas de formandos, livro de turma e alguns objetos referentes à memória dos discentes da EMOP. Para a montagem dessa exposição foram reunidos os painéis com as fotografias das turmas de formandos que se encontravam espalhados pelas paredes da Escola e mesmo por outros prédios pertencentes à Instituição. Segundo um entrevistado, alguns desses painéis estavam estragados e necessitavam de conserto, o que ocorreu pouco tempo depois da inauguração do Museu. A pedido do Diretor da Escola novos quadros foram confeccionados pelos marceneiros da EMOP para abrigar as fotografias que estavam soltas. Essa sala também abrigou como acervo os documentos de fundação da Escola assim como correspondências de destaque para EMOP, como a “*Representação de professores da Escola ao Ministro do Interior pedindo para não ser posta em concurso a cadeira Mineralogia, Geologia, Docimasia, Chimica e Physica industriaes, regidas por GORCEIX, a fim de que êle não se afaste da Escola para não perder sua nacionalidade e outras rasões. Dezembro de 1889.* (doação de Leonidas Damasio)”.<sup>102</sup> “*Comunicação de Archias Medrado ao Prof Augusto Barbosa, de que GORCEIX lhe passará, em 5/10/1891, a Diretoria da Escola de Minas – nº 621 – Escola de minas de Ouro Prêto, em 6 de outubro de 1891* (Apde Prof. Christiano Barbosa da Silva)”,<sup>103</sup> atas e provas de alunos, entre outros objetos. E, para expor esses objetos, foram confeccionadas bancadas de madeira com vidro (mesa holandesa), pelos mesmos marceneiros.

A Galeria dos Ex-Diretores foi instalada na sala que abrigava as reuniões da Congregação. Seu acervo data da transferência da EMOP para o prédio do Antigo Palácio dos

<sup>101</sup> SANTOS, M. S dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, Minc, IPHAN, DEMU, 2006, p. 41.

<sup>102</sup> Inventario Museu Gorceix – 31/10/1970

<sup>103</sup> Ibidem.

Governadores em 1897. Acreditamos que o papel de parede e mesmo alguns móveis sejam remanescentes do período que o prédio foi ocupado pelo Governo do Estado. O que também é notado na Sala da Diretoria, onde as pinturas retratando as figuras de José Bonifácio de Andrada e Silva, Joaquim José da Silva Xavier, Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral também data de período anterior à ocupação do prédio pela EMOP.

Deve-se registrar, no entanto, que está descrito nos inventários e mesmo nas correspondências do Museu que os móveis pertencentes à sala da casa de Gorceix eram parte do acervo. Inexiste, contudo, referência de onde estes móveis se localizavam se eram partes da Galeria dos Ex-Diretores, da Diretoria da Escola ou se compunham outra sala. Acreditamos que estes compunham a sala da Diretoria da Escola por estarem dispostos nessa sala atualmente o mobiliário original do início do século XX. Outro ponto a ser discutido nessas salas é a visitação.

Juntamente com a montagem da exposição permanente do Museu da Escola de Minas foi desenvolvido um projeto para a publicação das documentações referentes à EMOP e a Gorceix. Há uma tentativa junto ao Arquivo Nacional para a produção de uma publicação nacional sobre ele. É possível verificar, por meiodas correspondências, todo um esforço para que o Museu detivesse uma cópia destes documentos e que se fizesse a dita publicação. Christiano Barbosa da Silva, em correspondência com Raul Lima (diretor do Arquivo Nacional), esclarece quais documentos pertencentes à EMOP poderiam ser anexados aos documentos do Arquivo Nacional para a co-edição da documentação da Escola. É feita uma cópia xerografada e microfilmada desses documentos a pedido e com pagamento da Escola. Mas a co-edição não ocorreu, ficando somente no papel. Não foi possível detectar quais foram os empecilhos para que esta não ocorresse, mas acreditamos que a saída do Christiano Barbosa da Silva da direção do Museu e mesmo a falta de financiamento impediram a execução deste projeto.

O professor Christiano Barbosa da Silva permaneceu como diretor do Museu por cerca de dois anos, assumindo o cargo em 29 de outubro de 1970 e se dispensando em 1º de março de 1972. Esse pedido foi aceito pela Congregação, mas não foi nomeada outra pessoa para assumir o cargo. Podendo ser encontrado nas correspondências internas da EMOP, até o final do ano de 1972, o professor Christiano Barbosa da Silva atuando com poder decisório frente às questões do Museu.

Compreendemos que nos dois primeiros anos de vida do Museu há todo um esforço para que este represente a memória dos emopianos. Mesmo a não execução de alguns projetos como a co-edição da documentação da EMOP junto ao Arquivo Nacional não impediram que

ele se expandisse e deixasse de ser menos representativo. É notório, nas palavras de entrevistados, que o Museu da Escola de Minas era algo ao mesmo tempo curioso para aqueles que não pertenciam à comunidade emopiana, mas também era algo digno de respeito e admiração por representar uma instituição tão importante para os ouropretanos.

Em seus quarenta anos de vida, o Museu da Escola de Minas sofreu modificações tanto na exposição como institucionalmente. Em 1974 passa por um rearranjo, pelo retorno da Capela Imperial, o então Panteão Gorceix passa a abrigar uma sala no segundo andar do prédio. E, em 1995, cria-se o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas que passa a abrigar as exposições de mineralogia e o Museu da Escola de Minas, que se torna parte integrante do Núcleo da Memória. E desde ano 2000 esse núcleo está passando por uma reforma e obtendo uma nova disposição expositiva e museográfica.

## 5.2 Narrativas do Museu Gorceix

Tomamos como ponto de partida para a discussão das narrativas do Museu o que atualmente é denominado dentro do Museu de Ciência e Técnica de Núcleo da Memória ou Sala da Memória. Deixamos claro que estamos analisando a configuração e a disposição atual do Museu, sem deixar de traçar um paralelo com as mudanças que este sofreu no decorrer dos seus anos de existência. Mas tendo como foco principal a exposição museográfica que permanece até a reforma iniciada no ano 2000.

O Núcleo da Memória compreende: a Galeria do Antigo Aluno, a Galeria de Ex-diretores, a Diretoria da Escola, o Panteão Gorceix e o Arquivo Permanente. Nesse tópico daremos ênfase às narrativas implícitas no Núcleo da Memória (ex Museu Gorceix ou da Escola de Minas), excetuando o Arquivo Permanente que passou a ser sistematizado enquanto arquivo na década de 1990 e não compreende o roteiro de visitação.

A identidade de um grupo ou uma pessoa pode ser definida pelos objetos e símbolos que elas guardam e/ou herdam. E da mesma forma que estes são recebidos como herança, deseja-se que estes se perpetuem pelo tempo e que seja significado por gera es. Este   o caso do Núcleo da Memória, os objetos que pertencem   exposi o foram reunidos nesse sentido de perpetua o da memória. A eles foram atribuídos *“a capacidade de evocar o passado e, desse modo, estabelecer uma liga o entre passado, presente e futuro”*<sup>104</sup> garantindo a continuidade das tradi es emopianas e a memória de Gorceix às gera es vindouras.

O que notamos em institui es   que a constru o de uma memória coletiva serve para tornar coeso e dar sentido ao grupo. A memória individual   parte de um todo e   conduzida

---

<sup>104</sup> Gonçalves, 1988, p. 267.



ou enquadrada<sup>105</sup> pela memória coletiva daquele grupo. É a partir desse sentimento de pertencimento que os indivíduos perpetuam a memória daquele grupo, determinando quadros e pontos de referência para aquela identidade. Ao mesmo tempo em que estas delimitações mantêm viva a singularidade do grupo, por outro é capaz de despertar e manter oposições irreduzíveis ou pouco fundamentadas para o restante da sociedade, mas que se torna indissociável para aquele grupo.

Ao relacionarmos estas questões com a comunidade emopiana, verificamos que o que lhes confere identidade é o fato de serem engenheiros formados na EMOP, portanto diretamente herdeiros daquilo que se convencionou chamar de “espírito de Gorceix”. Mas, por serem herdeiros diretos do “espírito de Gorceix” esses indivíduos se sentem distintos e tentam exercer maior influência ante outras instituições ou indivíduos que não congreguem esse grupo. Não podemos generalizar esse pensamento a todos os alunos, porque uma tradição é sujeita a ressignificações ao longo das gerações, novos elementos vem sendo incorporados e pontos de oposição vêm sendo discutidos e dissolvidos. O que é importante verificar nesse grupo é a construção de um Museu para explicitar publicamente as tradições emopianas, demarcando ideológica e fisicamente todo um legado que o torna coeso.

A construção do Núcleo da Memória ocorre em um momento de redefinição institucional para a EMOP, que retoma a figura de seu fundador como forma de se diferenciar perante os outros grupos da UFOP.

A memória cristaliza-se quando seu objeto já não existe mais; ela é sempre uma recriação deste objeto. Os “suportes da memória”, designação dada por Pierre Nora a tudo aquilo que ainda tem algum vínculo com o rito e com o sagrado numa sociedade que dessacraliza, são objetos ou mesmo sentimentos os quais procura-se dotar de uma espécie de imortalidade, mas que, paradoxalmente, só sobrevivem graças à mutação contínua de significados que vão adquirindo juntos aos homens.<sup>106</sup>

O grupo emopiano via-se ameaçado e a sacralização dos objetos, juntamente com a retomada da figura do fundador, nos demonstra os propósitos e as narrativas que compõem o Núcleo da Memória. Utilizaremos de forma metodológica três termos para tratarmos do ato mnemônico do Núcleo da Memória: monumentalismo,<sup>107</sup> “museu-memória”<sup>108</sup> e “lugar de memória”.<sup>109</sup> Não utilizamos essas definições de forma definitiva, fechada ou totalizante, de maneira que não podem ser revistos ou questionados. Buscamos esses conceitos por eles se

<sup>105</sup> Termo utilizado por Pollack (1989) para designar um memória coletiva que segue padrões e quadros de referências afim de manter a coesão e fronteiras desse grupo.

<sup>106</sup> SANTOS, 2006, p 126.

<sup>107</sup> Termo utilizado por GONÇALVES para classificar os patrimônios culturais como gênero de discurso.

<sup>108</sup> Termo utilizado por SANTOS.

<sup>109</sup> Termo utilizado por NORA.

entrelaçarem e comungarem do mesmo conceito de mnemonize. Portanto, nossa proposta é a partir desses termos delinear as narrativas do Núcleo da Memória.

Partimos de um conceito de monumentalismo no sentido de um passado hierarquizado, fundamentado em heróis, um passado que ao mesmo tempo em que se torna inacessível nos serve de modelo para ser seguido e reverenciado. O ponto chave de toda a narrativa é a tradição, que neste caso representada pelo “espírito de Gorceix” se torna absoluta, sagrada e também o ponto de coesão para o ato mnemônico.

Esse passado absoluto [...] é a fonte e o começo de tudo que acontece posteriormente. É na verdade a memória (transmitida pela tradição), e não o conhecimento (possibilitado pela experiência pessoal), que serve como fonte do impulso criador.<sup>110</sup>

Assim, é cabível o tom laudatório sobre Gorceix, não importando as crises e perdas; o que importa é a verdade que lhe é transmitida pela tradição.

Essa proposta de monumentalismo vai ao encontro que Santos (2006) denomina de “museu-memória” para tratar das narrativas de museus históricos. Para Santos (2006) “*o museu-memória é, portanto, aquele onde observamos que a história, como reconstrução intelectual, laica e universalizante, submete-se ao poder do afetivo e do mágico, à dialética da lembrança e do esquecimento presente na memória*”.<sup>111</sup> Essa proposta está inserida no Núcleo da Memória; podemos verificá-la quando percebemos a relação que o Museu possui com o passado. O passado neste caso é totalmente dissociado do presente, não lhe cabendo relativizações ou mesmo questionamentos. E somente por meio da tradição (espírito de Gorceix) que esse passado pode ser traduzível. E como fruto de uma tradição está sujeito a ressignificações e esquecimentos. As peças que compõem o Núcleo da Memória são dotadas de forte simbolismo que escapa a elas mesmas, tudo remete a uma realidade maior (tradição emopiana), da qual os objetos são apenas restos ou fragmentos.

Relaciona-se a idéia dos objetos do Núcleo da Memória como restos ou fragmentos e mesmo todo o simbolismo presente em suas salas com o conceito de lugar de memória, que já foi descrito no primeiro capítulo dessa monografia. Este passa a adotar, a partir de sua criação, a função de “*parar o tempo, bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte e materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentidos num mínimo de sinais*”.<sup>112</sup> Todas as salas do Núcleo da Memória são dotadas de simbolismo, mas esse é exacerbado no Panteão Gorceix, onde os poucos objetos que compõe a sala retrata todo o pensamento que congrega aquele grupo.

<sup>110</sup> GONÇALVES, 2002, p. 6.

<sup>111</sup> SANTOS, 2006, p. 46.

<sup>112</sup> Ibidem, 1993, pp. 22

O Núcleo da Memória admite ser um local de celebração – passado glorioso da EMOP – e também de contemplação e veneração – “espírito de Gorceix”. Pode ser considerado material pela materialidade dos objetos que o compõem, funcional por ser um museu aberto ao público que nos remete a história de uma instituição de ensino de destaque, e simbólico por representar toda a tradição emopiana. Para compreendermos como esses conceitos são empregados dentro do Museu, descreveremos o roteiro de visitação, exemplificando as narrativas inseridas nesse.

Ao adentrarmos o Museu, a primeira imagem que nos aparece no pátio da Escola é o busto de Gorceix. Inaugurado em 12 de outubro de 1935, nas comemorações de aniversário da EMOP, o busto surge como figura central, encontrando-se naturalmente na parte de maior destaque dentro da Escola. Todos os caminhos, salas e corredores confluem para o pátio, que nos direciona o olhar para o busto do fundador da EMOP. E tão mais representativo é pensar que o início do caminho pela memória da Escola se dá pelo fio condutor que é a figura de Gorceix.

Como fio condutor, Gorceix se torna o narrador do Núcleo da Memória, todas as salas do núcleo dialogam de alguma forma com o fundador. Sua presença perene pode ser sentida de todas as formas, implícita ou explícita; todos os objetos da coleção remetem de alguma forma a ele. Poder-se-ia dizer que isso é óbvio: o narrador de todo o Museu é o fundador da Escola! Mas, se levarmos em conta que ele permaneceu à frente da EMOP somente nos seus quinze primeiros anos de vida, chegaríamos a conclusão de que sua história na Escola não teria de ser necessariamente o foco principal do Museu. Caímos novamente na questão da construção da figura de Gorceix, o que é denominado pelos próprios emopianos por “espírito de Gorceix”. Portanto o “espírito de Gorceix” pode ser sentido como a alma e o narrador do Núcleo da memória, tudo se inicia e ao mesmo tempo termina em função de Gorceix.

Nesse primeiro espaço de visitação fica nítida a proposta de monumentalismo inserida no Museu. O passado, que neste caso é a figura de Gorceix, só é traduzível através da tradição. É insignificante aos que não congregam desta tradição compreender o diálogo entre o “espírito de Gorceix” e os emopianos. Os visitantes são capazes de compreender que o busto que se encontra no pátio da Escola é a imagem do fundador desta, mas não compreendem a totalidade que essa imagem representa aos emopianos. Aos emopianos não é importante questionar a passagem de Gorceix pela EMOP, problemas e desafios encontrados. Cabe a eles reverenciar e propagar esse passado que não deve ser relativizado ou qualificado.

Segundo Gonçalves (1988), *“na medida em que associamos idéias e valores a determinados espaços ou objetos, estes assumem o poder de evocar visualmente,*

*sensivelmente, aquelas idéias e valores*”.<sup>113</sup> Portanto, ao adentrarmos o Núcleo da memória estamos revivendo e ressignificando a memória de Gorceix e da Escola de Minas tanto no espaço como nos objetos que compõem a exposição. Ao agrupar esses objetos que possuíam uma função, estes passaram a obter os valores e idéias que o grupo, no caso os emopianos, determinaram para eles.

Ao percorrermos o roteiro de visitação do Núcleo da Memória partindo para a primeira sala adentramos na Galeria do Antigo Aluno. Nessa galeria a primeira imagem que vem ao encontro do visitante são os documentos referentes   funda o da Escola (atas), decretos de Dom Pedro II alusivos   EMOP, documentos relativos a Gorceix, fotografias dos anos iniciais da Escola e instrumentos utilizados. Esses documentos nos d o   dimensão da grandiosidade e importância da EMOP nos seus primeiros anos de vida e nos abre caminho para percorrer a história da institui o que naquele momento está sendo construída através de seus documentos.

Os próximos objetos que encontramos são os painéis com as fotografias dos ex-alunos da Escola, que vão desde a primeira turma de formandos a fotografias mais recentes da segunda metade do século XX. Exposto cronologicamente, remete ao visitante o quanto   vasta e numerosa a comunidade emopiana. Mas representa também uma família de destaque principalmente se verificarmos que as fotografias que estão em maior relevância são aquelas referentes aos grandes nomes da Escola. A fotografia nos permite congelar em uma fra o de segundo um acontecimento e a cada momento que a revivemos estamos de alguma forma ressignificando esse passado. Ao colecionar as fotografias de ex-alunos, os emopianos estão ao mesmo tempo tentando “congelar” um passado glorioso e transmitindo às futuras gera es as tradi es emopianas.

A exposi o fotográfica   bem vasta, tomando quase que todo o percurso, que se d  em um ziguezague de painéis e álbuns. Ao final do salão, abre-se uma porta para uma nova sala, menor que o salão principal, mas em que estão expostos objetos pessoais de Gorceix. Livros, móveis, seu *pince nez*, cadernetas de anota es totalmente preenchidas, instrumentos de pesquisa de campo são alguns dos objetos que compõem essa sala. Os objetos dessa sala são relíquias, fragmentos de um tempo, resq cio de um passado de suma importância para a EMOP.

Dando continuidade ao roteiro de visita o, a próxima sala que visitamos   a Diretoria da Escola. Essa sala   composta por mobiliário datado do início do século XX, objetos de decora o (louças, abajours, materiais de escritório) e pinturas parietais retratando grandes personagens da história brasileira. As pinturas parietais, como foi dito anteriormente, são

---

<sup>113</sup> Gonçalves, 1988, p. 267.

remanescentes do período que o prédio foi ocupado pelo Governo do Estado. Mas por esse motivo se torna mais suntuosa a Diretoria da Escola, ladeado por personagens importantes da nossa história está o que de mais importante e de destaque para a EMOP, a figura do Diretor.

Voltando a Gorceix como narrador, a próxima sala de visitação é a Sala da Congregação. Esta sala marca o poder decisório da EMOP, nesta se reunia a Congregação para assim tomar decisões sobre o destino da Escola. O que torna essa sala mais relevante são o mobiliário, as pinturas e as fotografias. A imagem central é uma pintura de Dom Pedro II, que se encontra ladeada pelas fotos e pinturas dos ex-diretores disposta cronologicamente iniciando pelo lado direito com Gorceix. A mesa principal na qual se sentava a diretoria está em um patamar mais alto que as demais. Nas paredes encontram-se dispostos os diplomas da Exposição Universais além das fotografias dos ex-diretores.

E, para finalizar todo o percurso, o visitante é remetido ao rol do Panteão, onde se encontram o convite para a missa de sétimo dia de Gorceix, recortes de jornais comunicando sua morte e mais instrumentos da Escola. Para, então, o visitante adentrar a última sala do percurso o Panteão Gorceix. Neste salão está exposta uma urna funerária contendo os restos mortais do fundador da EMOP, circundado por uma balaustrada de madeira. No lado direito encontra-se a bandeira da França e no lado esquerdo a bandeira brasileira, de Minas Gerais e da Escola de Minas. E por cima da urna encontra-se uma placa mortuária, com a data de nascimento e morte de Gorceix e o objeto mais simbólico desta sala é uma lamparina que segundo um entrevistado representa o “*espírito de Gorceix sempre presente dentro da Escola de Minas*”.

Como em um “museu-memória”, a urna e os poucos objetos que compõe a sala são elo entre o passado e o presente. Como foi dito anteriormente, o que é aceitável é o que a tradição dita, o passado é a fonte e o começo de tudo e também que inspira e concerne verdade ao que lhe vem posteriormente. Portanto, nesse caminho pela memória da EMOP, tudo conflui para Gorceix. Que como elo e narrador de toda essa história a cada sala que visitamos a sua presença pode ser sentida pelos seus instrumentos, imagens e até mesmo nas fotografias de ex-alunos que são o fruto da grande obra do fundador da EMOP. O Núcleo da Memória traça o caminho da memória emopiana: é a representação de uma tradição e também sua perpetuação.

## 6. CONCLUSÃO

Procurou-se, neste texto, por meio da reconstrução histórica da Sala da Memória avaliar o ato mnemônico em uma instituição circundada pelo grupo forte e hegemônico,

tentando identificar as ressignificações e esquecimentos desse grupo que através da tradição busca definir o seu local de pertencimento. Como demonstramos no decorrer deste texto, em momentos de crise e redefinições institucionais, como a ocorrida em 1969 – criação da UFOP – a EMOP recorre à figura de Gorceix como símbolo de sua tradição e diferenciação perante a sociedade. Para tanto, buscamos levantar questões sobre a construção do tom laudatório do “espírito de Gorceix” e as narrativas da Sala da Memória.

Essa pesquisa permitiu visualizar a partir de uma perspectiva da mnemonize quais as expectativas da Escola de Minas de Ouro Preto a partir da criação da UFOP e impactos posteriores a criação desta. Mesmo atentando-nos que nosso recorte é de 1965 a 1972, período pequeno se for detalhar intensamente os impactos da criação da UFOP na EMOP. Tornam-se relevantes esses dados por não haver na historiografia trabalhos sobre a EMOP que abordem o período posterior a 1965 e da criação da UFOP.

Temos total consciência que este tema não se esgota nesse texto e que também poderia ser abordado de diversas formas, dependendo qual arcabouço teórico o historiador se apoiasse. Tentamos aqui propor questões que auxiliem de alguma forma o entendimento da construção de uma memória institucional analisando um espaço público (Museu) de representação desta.

Portanto, sugerimos que a transladação dos restos mortais de Gorceix e a conseqüente criação da Sala da Memória vieram de encontro aos anseios de demarcar publicamente o “lugar” da EMOP, perante a Universidade que estava sendo criada e o grupo na qual passou a congregar institucionalmente o mesmo espaço – Escola de Farmácia. A demarcação neste caso foi um retorno ao que de mais relevante que o grupo possuía - a memória coletiva - que buscou na tradição os pontos de referências para mantê-los unificados e também para diferenciá-los.

Enquanto tradição, os discursos sobre o “espírito de Gorceix” são uma construção que se inicia com a morte de Gorceix e que se manteve presente em todo o decorrer da história institucional e política da EMOP. E portanto, vem sendo revivida e ressignificada a cada instante que é recontada, reescrita, ou revisitada, e assim através da memória esta tradição está sendo perpetuados e imortalizados.

## 7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E FONTES

### Fontes primárias:

- Entrevistas:

Ana Maria de Paula Alves (realizada em 07/04/2010, em Ouro Preto)

Afonso Barros Cota (realizada em 30/04/2010, em Ouro Preto)

Clotildes Maria de Assis (realizada em 15/04/2010, em Ouro Preto)

Engº Benedito Amâncio Moraes (realizada em 14/04/2010, em Ouro Preto)

Engº José Alberto Alves de Brito Pinheiro (realizada em 28/07/2010, em Ouro Preto)

José Ramos Dias (realizada em 23/04/2010, em Ouro Preto)

Milton de Castro Magalhães (realizada em 24/04/2010, em Ouro Preto)

- Fontes Manuscritas:

Arquivo Permanente da Escola de Minas de Ouro Preto:

Atas da Congregação da Escola de Minas de Ouro Preto

Atas da Assembléia da Escola de Minas de Ouro Preto

Atas da Comissão de Administração da Escola de Minas de Ouro Preto

Correspondência Expedida da Escola de Minas de Ouro preto

Correspondência Recebida da Escola de Minas de Ouro Preto

Inventário da Escola de Minas de Ouro Preto

Museu acervo da Escola de Minas de Ouro Preto

Gorceix Traslado

- **Fontes Impressas e Periódicos:**

Revista da Escola de Minas (REM)

Informativo da Faculdade de Minas e Metalurgia da Universidade Federal de Ouro Preto – n 9  
– Ano II. Ouro Preto, Nov. 1970.

Jornal Centre Presse. *Le transferet des cendres d Henri Gorceix a donné a une manifestation d'amitié franco-brésilienne*. Limoges, 30/09/1970.

Jornal Estado de Minas. *Cinzas de Gorceix inspiram campanha a favor da Escola*. Belo Horizonte, 13/10/1970.

Jornal O Globo. *Ouro Preto recebe os restos mortais de Claude Gorceix*. Belo Horizonte, 13/10/1970.



**Referências Bibliográficas:**

- ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégia de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco/Lapa, 1996.
- ALBERTI, V. *Histórias dentro da história*. In: Carla Bassanezi Pinsky. (Org.). *Fontes históricas*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2005, v. 1, p. 155-202.
- ANDRADE, Alberto Mazoni de. *A era da previdência e do engenheiro*. In\_. *Revista da Escola de Minas*. Ano 1, nº 1, 1936.
- \_\_\_\_\_. *A Escola de Minas e o espírito de Gorceix*. In\_. *Revista da Escola de Minas*, n.4, AnoXIV, out/1949, p 05 e 06.
- \_\_\_\_\_. *Comemoração do 74º Aniversário da Escola*. In\_. *Revista da Escola de Minas*, n.5, Ano XV, dez/1950,págs 05 a 08.
- \_\_\_\_\_. *Para melhor conhecer Gorceix*. In\_. *Revista da Escola de Minas*, n.4,Ano XVIII, out/1053,p 02 e 12.
- ARANTES, Antonio Augusto. *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense/Condephaat, 1984.
- BARBOSA, Aluizio Licínio de M. *Formação de engenheiros de minas e geólogos para a economia mineral do Brasil*. In\_. *Revista da Escola de Minas (REM)*. v XX, n.5, p. 7-19, out. 1956.

- BARBOSA, Daniel Henrique Diniz. *Os Técnicos em Ação: os engenheiros de Minas Gerais e as alternativas de desenvolvimento regional (1935-1945)*. Tese de Mestrado UFMG, 2005.
- BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1959.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Mágia e técnica, arte e política. Brasiliense, 1986.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BORBA, Luciano Rocha; COURA, José Fernando. *Ensaio cronológico dos precursores da Geologia no Brasil*. Revista da Escola de Minas (REM). ano XXXIX, v. XXXII, n. 5, p. 34-38, out. 1975.
- BORGES, Jorge Luis. “*Funes, o memorioso*”. In *\_. Obras Completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 1998, vol. 1, p 539-546.
- BOSI, Éclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia as Letras, 1994.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EdUSP,
- \_\_\_\_\_. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n.23, 1994.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da Glória*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

- CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio Cultural conceitos, políticas, instrumentos*. São Paulo: Annablume, 2009.
- CHOAY, Françoise. *Alegoria do patrimônio*. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade e UNESP, 2001.
- CHUVA, Márcia (Org.) *A invenção do Patrimônio*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/IPHAN, 1995. p. 7/8.
- CHUVA, Márcia. *Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado*. Topoi: Revista de História. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ/7 Letras, 2004, vol. 4, nº 7, jul-dez. 2003.
- CONGREGAÇÃO DA ESCOLA DE MINAS. *Transferência da Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil para o Ministério de Minas e Energia*. In\_. Revista da Escola de Minas (REM). Ano XVIII, n 4, out/1953, p. 3-5.
- DEQUECH, Victor. *A profissão de Engenheiro de Minas no Brasil*. Revista da Escola de Minas (REM). ano XI, n. 3, p 645-649, jul. 1946.
- DIAS, Maria Odila da Silva. *Aspectos da ilustração no Brasil*. In\_. A interiorização da metrópole e outros estudos. São Paulo: Alameda, 2005.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Educação no Brasil anos 60: O pacto do silêncio*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- FILHO, Nelson de Sena. *Dom Pedro II e as ciências: o caso da Escola de Minas de Ouro Preto*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, 2001

HALBWACHS, Maurice. “*Memória coletiva e memória histórica*”. In \_\_. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, pp. 53-89.

HARTOG, François. *Tempo e patrimônio*. Trad.: José Carlos Reis. In \_\_. *Varia Historia*. Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, p.261-273, Jul/Dez 2006.

\_\_\_\_\_. *Regimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GERMANO, José Wilington. *Estado Militar e Educação no Brasil (1964 – 1985)*. São Paulo: Cortez, 2005.

GOMES, Francisco de Assis Magalhães. As tradições francesas da Escola de Minas. In \_\_. *Revista da Escola de Minas (REM)*. ano IX, n. 7, p. 279-280, nov. 1944.

GONÇALVES, J. R. S. *A retórica da perda: Os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

\_\_\_\_\_. *Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais*. In \_\_. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v.1, n.2, 1988

\_\_\_\_\_. *Os patrimônios culturais como gênero de discurso*. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cidade: História e Desafios*. Rio de Janeiro: FGV/CNPQ, 2002.

\_\_\_\_\_. *O patrimônio enquanto categoria de pensamento*. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GORCEIX, Septime. *Uma grande obra francesa no Brasil*. In \_\_. Revista da Escola de Minas (REM). v. XX, n. 5, p 1-6, out. 1956.

KAWAMURA, Lili. *Engenheiro: trabalho e ideologia*. São Paulo: Ática, 1979.

LANARI JÚNIOR, Amaro. *O 81º aniversário da fundação da Escola de Minas*. In \_\_. Revista da Escola de Minas. Ano XXI, mai/1958, nº 3.

LE GOFF, Jacques. “*Memória*”. In: ROMANO, Rugiero (org.). Enciclopédia Einaudi, (vol. 1 – Memória/história), Lisboa: Casa da Moeda/ Imprensa Nacional, 1983, p. 11-50.

\_\_\_\_\_. *Documento/monumento*. In: ROMANO, Rugiero (org.). Enciclopédia Einaudi, (vol. 1 – Memória/história), Lisboa: Casa da Moeda/ Imprensa Nacional, 1983.

LIMA, Margarida Rosa de. *Dom Pedro II e Gorceix: A fundação da Escola de Minas de Ouro Preto*. Ouro Preto: Fundação Gorceix, 1977.

LISBOA, Miguel Arrojado. *A Escola de Minas e Henrique Gorceix*. In \_\_. Revista da Escola de Minas (REM). ano XIII, n.4, p. 19-36, out. 1948.

LISBOA, Moacir do Amaral. *A presença da Escola de Minas no desenvolvimento do Brasil*. In \_\_. Revista da Escola de Minas (REM). Ano XXXVI, v XXVIII, n.3, p. 1-6, out. 1970.

LOBATO, Fernando José de N. S. *Centenário de Gorceix*. In \_\_. Revista da Escola de Minas. Ano XIX, maio/dez de 1954, nº 2 a 6.

LOPES, Francisco Antônio. *Escola de Minas*. In \_\_. Revista da Escola de Minas (REM), ano IX, ns 5 e 6, 12 de outubro de 1944, p. 207 – 212.

- LOPES, Maria Margaret, PONDGORNY, Irina. *Introducción*. In \_\_. El desierto em una vitrina. Museos e história natural em la Argentina, 1810-1890. México: Limusa, 2008.
- MAGALHÃES, Aline Montenegro. *Colecionando relíquias. Um estudo sobre a Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934-1937)*. Rio de Janeiro, UFRJ/ IFCS, 2004.
- MAIA, Joaquim. *O espírito de Gorceix*. In \_\_. Revista da Escola de Minas (REM). Ano XIX, n. 2-6, p. VI-VIII, maio/dez. 1954.
- MALHANO, Clara Emília Sanches Monteiro de Barroso. *Da materialização à legitimação do passado: a monumentalidade como metáfora do Estado. 1920-1945*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna : FAPERJ, 2002.
- MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. In \_\_. Malinowsky. São Paulo: Abril Cultural, 1976, Col. Os Pensadores, vol 43.
- MARIETA, Moraes Ferreira de, AMADO, Janaina. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.
- MAZONI, A. *Gorceix e a Alma Mater*. Revista da Escola de Minas, nº 5 e 6, ano IX. 12/12/1944, p. 211.
- MENEZES, Messias Gilmar de. *Claude-Henry Gorceix (1842-1919) e o Ensino das Ciências Geológicas na Escola de Minas de Ouro Preto, no Crepúsculo do Império*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- MORAES, Luciano Jacques de. *Gorceix, sua vida e sua obra*. In \_\_. Revista da Escola de Minas (REM), ano XII, n. 4, p. 19-26, set. de 1947.

- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História; São Paulo, (10) dez. 1993, pp. 7-28.
- OLYNTO, Antônio. *Memória histórica*. In *\_. Anais da Escola de Minas de Ouro Preto*. n. 7, p. 9-111, 1905.
- PAIM, G, SILVEIRA, A. *Reforma universitária: a política educacional brasileira do governo Castelo Branco a Costa e Silva (1964-1969)*. Cadernos FAPA– n. 2 – 2º sem. 2005.
- PECAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- POLLACK, M. “*Memória, Esquecimento e Silêncio*”. In *\_. Revista Estudos Históricos*, vol. 2, nº 3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.
- RIEGL, Aloïs. *Le culte moderne des monuments*. Paris: Seuil, 1984.
- ROQUE, Rita de Cássia Menezes. “*Os Bandeirantes dos Tempos Modernos*”: *A Escola De Minas De Ouro Preto E O Bloco No Poder Em Minas (1889-1945)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1999.
- ROTHEN, J. C. *Os bastidores da Reforma Universitária de 1968*. Educ. Soc: Campinas, vol. 29, n. 103, p. 453-475, maio/ago. 2008.
- SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. *Memória Cidadã: História e Patrimônio Cultural*. Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: IPHAN, v. 29, p. 52, 1997. P. 1-13.
- \_\_\_\_\_. *Entre a destruição e a preservação: notas para o debate*. In: SCHIAVO, Cléia e ZETTEL, Jayme (orgs). *Memória, Cidade e Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ/IPHAN, 1997. P. 15-27.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Museu Imperial: a construção do Império pela República*.

In\_. *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, Minc, IPHAN, DEMU, 2006.

SILVA, Cristiano Barbosa da. *A herança sagrada do espírito de Gorceix*. In\_. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 35, 31 out. 1975.

\_\_\_\_\_. *Claude Henri Gorceix: o homem, o mestre, a obra*. In\_. *Revista da Escola de Minas*. n. 45, jul. 1992.

SILVA, F. T. “*Memória, História e Ciências Sociais: zonas de fronteiras*”. *História*, vol. 24, nº 1. Franca, 2005.